

blimundo

mensal n.º 63 agosto 2017 fundação josé saramago

o maior flor
do mundo

o mundo
do mundo

o mundo
do mundo
o mundo
do mundo

3— Editorial
Obrigado, Paraty!

5— Leituras
Sara Figueiredo Costa

12— Estante
Sara Figueiredo Costa
Andreia Brites

17— Flip: retrato
de um tempo novo

29— A Flip da «literatura
menor»
Maíra Nassif

31— Flip:
Lugar de Fala
Luiz Eduardo soares

38— A Casa da Andréa
Andréa Zamorano

43— As máscaras que
contam o México
Sara Figueiredo Costa

56— As vidas da
«Gata Varela»,
estrela do tango
argentino
Ricardo Viel

63— Visitas guiadas
Andreia Brites

78— And The winner Is...
Andreia Brites

79— Espelho Meu
Andreia Brites

84— Saramaguiana
Porque eu sou do
tamanho do que vejo
Sandra Santos

99— Agenda

Talvez tenha sido Ana Martins Marques quem melhor resumiu o espanto e a satisfação que todos sentimos com o acolhimento que a Casa Amado e Saramago teve na FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) deste ano. No sábado, dia 29 de julho, a escritora brasileira lançou no espaço montado pela Fundação José Saramago e pela Fundação Casa de Jorge Amado o seu livro «Como se fosse a casa», escrito em parceria com o poeta Eduardo Jorge. Após ultrapassar as dezenas de pessoas que se concentravam na entrada da casa e desviar das que já estavam sentadas no chão, Ana Martins Marques finalmente chegou até a cadeira que ocuparia. Intrigada, quis saber por que havia tanta gente ali. Estavam todos para escutá-la e para a sessão de leituras de poesia que viria a seguir ao lançamento do seu livro. «Com tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo em Paraty pensei que viriam só uns seis amigos», disse com a sua conhecida timidez.

Nos três dias em que a Casa Amado e Saramago esteve aberta foi assim:

lotação completamente esgotada em todas as sessões, com pessoas sentadas nas cadeiras, no chão, na escada ou de pé; e várias dezenas fora, tentando espreitar pela janela e portas o que se passava lá dentro, ou simplesmente escutando, da rua, a conversa que as colunas de som transmitiam para fora.

Nem o mais otimista dos envolvidos nesse projeto podia imaginar que o público receberia com tanto interesse e carinho a nossa programação. Ao homenagear dois dos maiores nomes da literatura em língua portuguesa, abrimos espaço para escritoras e escritores lusófonos contemporâneos. Também procurámos dar voz e vez

Obrigado, Paraty!

às mulheres e aos negros, que em outras edições da Flip estiveram sub-representados, e demos a conhecer a proposta de Declaração de Deveres Humanos em que há mais de dois anos a FJS vem trabalhando.

Voltamos de Paraty cheios de energia e de felicidade, com a sensação de que nosso trabalho tem relevância e público também do outro lado do oceano. E agora, passada a ressaca da festa, já estamos a trabalhar para que no próximo ano a nossa participação na FLIP não só se repita, mas se amplie.

Resta-nos dizer muito obrigado, Paraty. E também agradecer, nominalmente, a todos que fizeram possível a realização de uma casa feita de livros e de amizade: Adelaide Ivanova, Afonso Borges, Ana Kiffer, Alberto Mussa, Anabela Mota Ribeiro, Ana

Martins Marques, Ana Menegatti, Andrea Zamorano, Bárbara Bulhosa, Charles e toda a sua equipa da Paratyshow, Clara Dias, Djaimilia Pereira de Almeida, Djamilia Ribeiro, Edimilson de Almeida Pereira, Fred Ferreira, Frederico Lourenço,

Giovana Xavier, Janete Santos Ribeiro, Joana Gorjão Henriques, Joselia Aguiar, José António Pinto Ribeiro, José Eduardo Agualusa, José Luís Peixoto, Julia Bussius, Lilia Zambon, Livia Nestrovsk, Luiz Eduardo Soares, Luiz Schwarcz, Maíra Nassif, Maria Cristina Antonio Jerónimo, Marcello Magdaleno, Max Santos, Núbia Santos, Ondjaki, Paloma Amado, Prisca Agustoni, Schneider Carpegiani e Valéria Martins. E também à Companhia das Letras, ao Ministério de Cultura de Portugal, à Adega Mayor, e à organização da Flip.



Blimunda 63

agosto 2017

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado Monday to Saturday

10 às 18h 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

ANDRÉ CARRILHO

A MORTE COMO PRESTÍGIO

A escritora brasileira Elvira Vigna morreu no passado dia 10 de julho, vítima de cancro, e a imprensa brasileira não deixou de assinalar o facto. Num artigo publicado na *Revista Pessoa*, Luciana Araujo Marques recorda a autora de *Nada a Dizer*, lembrando igualmente o modo tantas vezes cínico com que se recordam os mortos recentes nas páginas dos jornais, como se a morte fizesse deles matéria mais válida para se escrever sobre, sobretudo quando anteriormente os elogios pareciam parcos. «O que mais uma mulher de 69 anos, com tantos livros publicados, precisaria fazer, que não fosse morrer, para ser destacada com as mesmas ênfases póstumas? Não que não tivesse reconhecimento, não que estivesse à margem, apartada de eventos e boa editora, não que não figurasse entre os finalistas de prêmios, mas o que se dá com a morte não se compara. Antes, no mesmo jornal da linha fina se lia: “Autora acerta em linguagem...”, avaliada em termos de

acerto e erro; “Prosa chega a um novo patamar...”, o que é este novo no interior de um projeto todo, um “parece que agora vai”? Foi. Elvira Vigna morreu e ainda que pululem notícias sobre inéditos, ela já não escreve.» A fechar um texto que não esconde a irritação perante o desprezo tantas vezes entregue de bandeja ao trabalho de quem não cumpre um de dois papéis no espaço literário – o de estar morto há tempo suficiente para ser elogiado sem tréguas ou o de prestar provas regulares no carrossel mediático –, a autora partilha uma história elucidativa: «Diante da estante de Literatura Brasileira de uma livraria paulistana, no dia seguinte à morte de Elvira Vigna, ouço uma mulher perguntar para a vendedora: “você têm livro da Elvira Venha?”. A digitação falha, me intrometo: “É Vigna. V. i. g. n. a.”. A moça quer aquele com nome difícil de dizer. Chuto: «*Como se estivéssemos em palimpsesto de putas?*». Não encontram o exemplar. Não estavam preparados para a procura, nunca se está preparado para o que surpreende mesmo debaixo do nariz. “Nunca tinha ouvido



falar nela. Estão todos dizendo que ela é maravilhosa, que preciso ler”, a moça não se cansava de se espantar. Queria levar este espanto todo para suas férias. Fazer caber na mala, na bagagem do dia.

Dizem que nunca é tarde para o tudo que veio antes, mas hoje lamento o que poderia ter sido.

Para quem fica, Elvira, venha.»



UMA FLIP PARA RECORDAR

A 15ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty marcou uma mudança notória na linha programática deste festival, como destaca a edição brasileira do jornal *El País*, num artigo de André de Oliveira. Ecoando as críticas que se fizeram sentir nos últimos anos relativamente ao predomínio de escritores homens e brancos, e também de estrelas internacionais do panorama literário, a nova curadoria da FLIP, assumida por Joselia Aguiar. «Como a

programação foi mais diversa, com o mesmo número de autores homens e mulheres, além da presença de 30% de escritores negros e negras, em muitos momentos as discussões tocaram, naturalmente, questões como preconceito, diversidade, representatividade. Por mais de uma vez, o discurso de autores e a reação da plateia também se voltou contra o Governo de Michel Temer, que, segundo a última pesquisa Ibope é considerado bom ou ótimo por apenas 5% da população. “Fora, Temer”, assim, foi um grito ouvido em diferentes situações – como, aliás, já havia ocorrido no ano passado. As manifestações e a forte temática social levantaram críticas na Internet: o evento teria deixado de lado a literatura, a arte, para ser apenas um instrumento político.» As novas críticas, agora ao carácter social e político da FLIP, foram prontamente recusadas pela curadora com uma visão mais abrangente da literatura e do seu modo de se relacionar com a sociedade: «(...) é claro que a temática mais social iria

emergir naturalmente, pois as obras dos autores convidados refletem a experiência que têm do mundo.»

Já a pensar no próximo ano, o *El País* procura perceber se as mudanças desta FLIP vieram para ficar: «O desafio, a partir de agora, será manter nas próximas edições da Flip a diversidade que essa, inegavelmente, teve. Isso não parece incomodar Joselia, que encara tudo com tranquilidade. «Não é porque o Lima Barreto é negro que os autores chamados são negros», disse, ao ressaltar, mais uma vez, que a programação não nasceu para dar uma resposta a uma demanda por mais diversidade, mas que usou da força dessa demanda para criar um evento que reflete melhor o vasto campo da produção literária. Depois de elogiar a curadoria, a escritora Conceição Evaristo – um dos destaques da programação – disse em sua mesa deste domingo: “Não foi uma concessão, esse lugar é nosso por direito”.»



OS DIÁRIOS DE PIGLIA

Na revista *Eñe*, David Pérez Vega lê os dois volumes dos diários do argentino Ricardo Piglia, refletindo sobre a escrita diarística e as armadilhas que se colocam aos leitores perante um discurso privado que ganha o espaço da página pública: «En algún momento, estaba pensando que se centra mucho en describir su relación con la literatura y con otros escritores, y ahora, que me he sentado a escribir sobre el libro, especulo con la posibilidad de que los *Diarios* estén expurgados, y que Piglia haya querido mostrar al lector principalmente la parte que le parecía relevante, la relacionada con sus reflexiones de escritor o interacciones con el mundillo literario argentino. El otro día (respecto a la escritura de esta reseña no a su publicación) lo comentaba en su muro de Facebook el escritor argentino Tomás Sánchez Bellocchio que andaba leyendo el primer volumen, que le parecía que la prosa era demasiado homogénea como para no pensar en un proceso de reescritura poste-

rior.» E, mais adiante: «Aunque ya he apuntado que las entradas escritas en Años de formación son sorprendentemente maduras para alguien que empieza a escribir su diario a los dieciséis años, aunque algo dispersas, sobre todo al principio, éstas se vuelven más coherentes y extensas en Los años felices. En la cita del párrafo anterior, parece que Piglia pretende hablar en sus cuadernos de una «educación sentimental», pero a la larga, más bien va a centrarse en una educación literaria. Se hablará de mujeres, por ejemplo, pero durante la primera mitad del libro su relación con Julia, su pareja, ocupa muchas menos páginas que su relación con los amigos escritores. Después de la ruptura con Julia, se registrarán con mayor minuciosidad sus relaciones con otras mujeres y las noches de deambular solo por la ciudad. De su familia hablará poco, pese a que durante estos años muere su padre, con el que nunca tuvo una buena relación. La literatura, apunta Renzi, siempre ha sido una forma de ausentarse de la vida cotidiana.»



A OLARIA DE BARCELOS

Numa edição recente do *Fugas*, suplemento do *Público*, Sérgio C. Andrade traça o roteiro dos barristas de Barcelos, revelando as características únicas da olaria tradicional daquela região portuguesa. «É esta invulgar capacidade de misturar o quotidiano mais rente com os insondáveis mistérios da vida, a festa com o luto, o riso com a morte, o sagrado com o profano, que faz a singularidade destes “oleiros prodigiosos”, generalizando a expressão com que Vergílio Alberto Vieira caracterizou a obra de Rosa Ramalho (1888-1977). Podemos admirar esse universo nas últimas ceias e nos coretos de músicos, nos presépios e nas chocas, nos Cristos e nas matrafonas, nos pombais e nos diabos, nas cabras e nas medusas... E podemos fazê-lo, de uma só vez, numa visita ao MOB, que, pelas suas características e pelas coleções que possui, “é um caso único no país”, como testemunham ao *Público* a historiadora de arte Isabel Fernandes, ex-respon-

sável pelo museu, e António Gomes de Pinho, colecionador de arte, ex-presidente da Fundação de Serralves e atual presidente do conselho de administração da Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva.» Partindo do Museu da Olaria de Barcelos, o texto percorre as olarias e o figurado de artesãos como Júlia Côta, Júlia Ramalho ou João Macedo Correia, evocando heranças mais antigas (como a de Rosa Ramalho, figura tutelar desta produção/criação barrista) e mostrando o acervo de um museu que não se resume às obras feitas em Barcelos, estendendo as suas coleções a outros lugares do país.



***Não Digam
Que Não Temos Nada***
Madeleine Thien
Relógio d'Água

Tradução de Ana Falcão Bastos

A MEMÓRIA ESCONDIDA DA CHINA



A Revolução Cultural chinesa tem sido representada em diversos romances contemporâneos, pese embora o filtro censório que ameaça aquelas narrativas que possam escapar do registo histórico cronologicamente mais recuado ou arriscar pontos de comparação com o presente. O massacre que ocorreu na Praça de Tiananmen em 1989, por outro lado, é tema proibido (que o diga Ma Jian e o seu *Beijing Comma*, para citar um exemplo literário, ou as muitas contas em redes sociais chinesas que se veem encerradas assim que referem o dia 4 de junho de 1989, ainda que de modo disfarçado), pelo que talvez o romance de Madeleine Thien, escrito em inglês, possa não conhecer tradução chinesa tão cedo. Não é Tiananmen o tema central de *Não Digam Que Não Temos Nada*, cujo título ecoa um dos versos de *A Internacional*, mas os acontecimentos da praça de Pequim atravessam este livro como um eixo, que vai ganhando espaço

à medida que a linha temporal se fecha. E se há um tema central, será o da memória enquanto modo de resistir, olhar o mundo, viver.

Marie Jian, a narradora, é uma criança canadiana, filha de pais chineses, quando as imagens de Tiananmen se espalham pelas televisões do mundo e quando o seu pai regressa à China, mais concretamente a Hong Kong (nessa altura, ainda administrado pela coroa inglesa), onde se suicida. Pouco tempo depois, Ai-Ming, filha de um amigo do seu pai, instala-se em casa de Marie Jian e da mãe, no Canadá, percebendo-se que terá sido ajudada a fugir da China. Procurando iluminar as causas de todos estes factos, ao mesmo tempo que procura as memórias familiares que poderão compor a sua identidade, Marie Jian recua aos tempos da Guerra Civil chinesa, à chegada de Mao Tsé Tung ao poder e à Revolução Cultural. E se a música é o elemento que estrutura a narrativa no que

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA



respeita ao passado, um misterioso livro manuscrito – o *Livro de Registos* – que terá circulado clandestinamente por várias mãos ao longo das últimas décadas é o ponto de contacto entre tempos e pessoas.

«Mostrou-me a sua mala. No interior do forro estavam escritos os nomes de todos os homens que tinham morrido e as datas das suas mortes. Estou convencido de que esse é o único registo rigoroso que existe. Ele disse-me que tinha um plano para fazer ainda outra coisa. Pegaria nos nomes dos mortos e escrevê-los-ia, um por um, no Livro de Registos, junto dos da Quatro de maio e de Da-wei. Povoaria esse mundo de ficção com nomes verdadeiros e atos verdadeiros. Eles continuariam a viver, tão perigosos como revolucionários, mas tão intangíveis como fantasmas.» (pg.168) O livro que recolhe histórias de músicos ambulantes e conversas de taberna é o mesmo que acompanha as fugas de desertores da Guerra Civil, depois as de

dissidentes do comunismo, sempre com o olhar posto no quotidiano, nos amores e desilusões, no modo como a História interfere tão intensamente na vida de cada um. Ligando muitos passados ao presente da narradora, será esse livro o pilar de um romance que equilibra a fragilidade de todas as demandas e a violência do tempo sobre quem por ele passa, sabendo sempre honrar o propósito de não transformar o passado em matéria estática e arrumada: «No final, acredito que estas páginas e o Livro de Registos refletem a persistência deste desejo: conhecer a época em que vivemos. Registrar o que deve ser registado e também, por fim, deixá-lo partir. Era o que diria ao meu pai. Para ter fé de que, no futuro, outra pessoa irá manter o registo.» (pg.375)

Meados do século XX: surgem Brasília, o Neoconcretismo, João Cabral. Mas também brota um sertão verdejante, um “monstro” potente, espécie de esfinge – Grande sertão: veredas

SILVIANO SANTIAGO, um dos críticos literários mais originais do Brasil, analisa a obra maior de Guimarães Rosa em seu mais novo livro, **GENEALOGIA DA FEROCIDADE**. Ele observa como as tentativas de domar *Grande sertão: veredas* sempre ignoraram sua complexidade, indócil a definições fixas por ter uma linguagem porosa e potente.

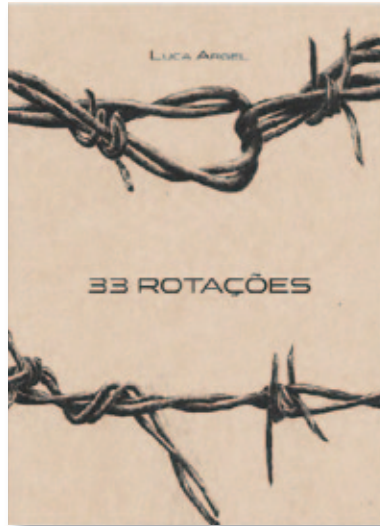
À venda no site da Cepe Editora
www.cepe.com.br



estante

SARA FIGUEIREDO COSTA

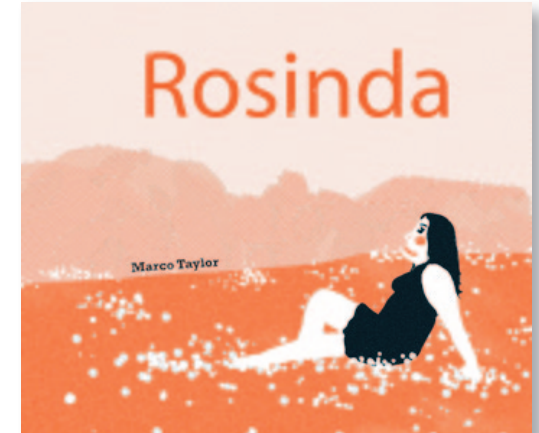
ANDREIA BRITES



33 Rotações

Luca Argel
Averno

Primeiro livro publicado em Portugal do poeta e cantautor brasileiro Luca Argel, *33 Rotações* reúne poemas escolhidos dos seus livros até agora publicados no Brasil: *Esqueci de Fixar o Grafite* (2012), *Topadas no Escuro* (2014) e *Uma Pequena Festa por uma Eternidade* (2016). Um dos poemas, intitulado «BAB SEBTA – Frederico Lobo, Pedro Pinho (2008)»: «trancar a porta queimar a foto/da chave./eletrificar o mediterrâneo dizer/que é uma nova modalidade de pesca./lembrar que o arame farpado/foi primeiro inventado para controlar o gado.»



Rosinda

Marco Taylor
ed. autor

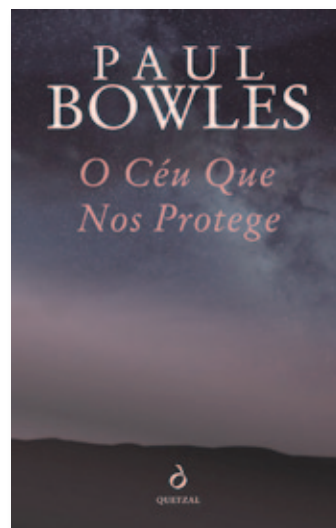
Rosinda atrasa-se sempre. O seu tempo é lento, compatível com a observação demorada do mundo que parece sempre mais apressado e com urgência de qualquer coisa. Se, todavia os outros se cansam de esperar, a dada altura isso é recompensador. Nesta narrativa visual, o autor opta pelo laranja e combina-o apenas com o branco e preto, tal como acontece noutros livros com outras cores. Os tons quentes transmitem um conforto sensorial associado às experiências da protagonista e conferem uma espécie de ironia vitoriosa ao seu desvio de comportamento.



Seis Histórias Tradicionais Portuguesas

José Viale Moutinho
Fábula

De um autor que há muito se dedica à reescrita de contos tradicionais, adivinhas e outras composições populares, a nova chancela da 20|20 edita um conjunto de narrativas que integram o património oral português. Sem se deter em descrições paralelas e interpelando o leitor amiúde, José Viale Moutinho mantém-se fiel à economia narrativa e a um discurso oralizante que pauta o ritmo rápido de cada história.



O Céu Que Nos Protege

Paul Bowles
Quetzal

Reedição do grande romance de Paul Bowles, publicado em 1954 e parcialmente escrito no deserto, onde a ação se desenrola. O percurso do casal Kit e Port pelo Sahara é o gatilho que desencadeia uma reflexão dura e magistral sobre o mundo moderno, cruzando corrupção e ausência de julgamento num texto essencial do (e também sobre o) século XX.



El Arrecife de las Sirenas

Luna Miguel
La Bella Varsovia

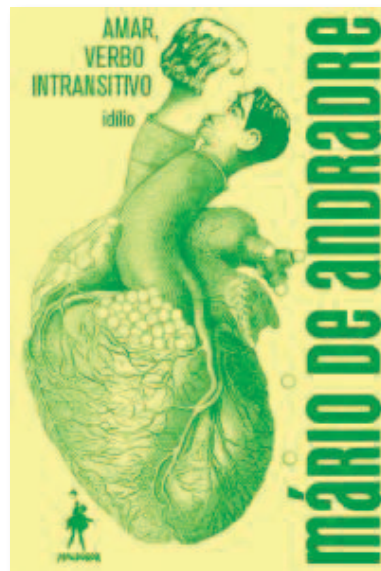
Nascida em Madrid, em 1990, Luna Miguel é uma das vozes sonoras da nova poesia espanhola, não apenas pelos livros publicados, mas igualmente pelo gosto de polemizar e pelo trabalho antológico que tem desenvolvido, escolhendo poemas de outros. Neste novo livro, os temas da doença e da morte voltam a surgir, agora contrabalançados por uma certa luminosidade e pela reflexão sobre o feminino e o feminismo.



Aqui há gato!

Rui Lopes e Renata Bueno
Orfeu Negro

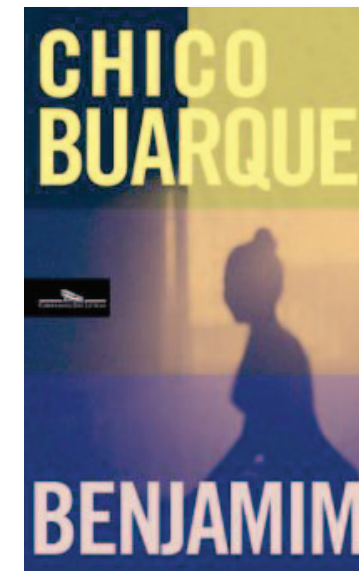
O que acontece quando uma lei obriga toda a gente a fazer tudo sempre da mesma maneira? A certa altura, é inevitável mudar. A revolução aconteceu no reino e todos experimentaram tudo. A história desenvolve-se em jeito de lengalenga com rimas aqui e ali e um compasso que dá mais dinâmica às excentricidades vivenciadas pelos animais, todos eles representados com códigos de barras a que foram retirados os números. Entre diferenças e semelhanças, haja liberdade.



Amar, Verbo Intransitivo

Mário de Andrade
Maldoror

Originalmente publicado em 1927, este livro marca a estreia de Mário de Andrade no romance. Com um trabalho de linguagem dedicado a reconstruir a gramática sob novas perspetivas e a tirar sentidos improváveis do léxico, Mário de Andrade apresenta aqui alguns dos motivos para a sua aclamação como nome maior do Modernismo brasileiro. No ano seguinte apareceria *Macunaíma* (publicado em Portugal pela Antígona) e tudo haveria de confirmar-se.



Benjamin

Chico Buarque
Companhia das Letras

Nova edição portuguesa do segundo romance de Chico Buarque, originalmente publicado em 1995. Uma narrativa que tem a culpa como um dos eixos centrais e cuja composição se vai complexificando graças aos pontos de vista de diferentes personagens sobre a mesma situação, num caleidoscópio romanesco, por vezes lírico, e sempre surpreendente.



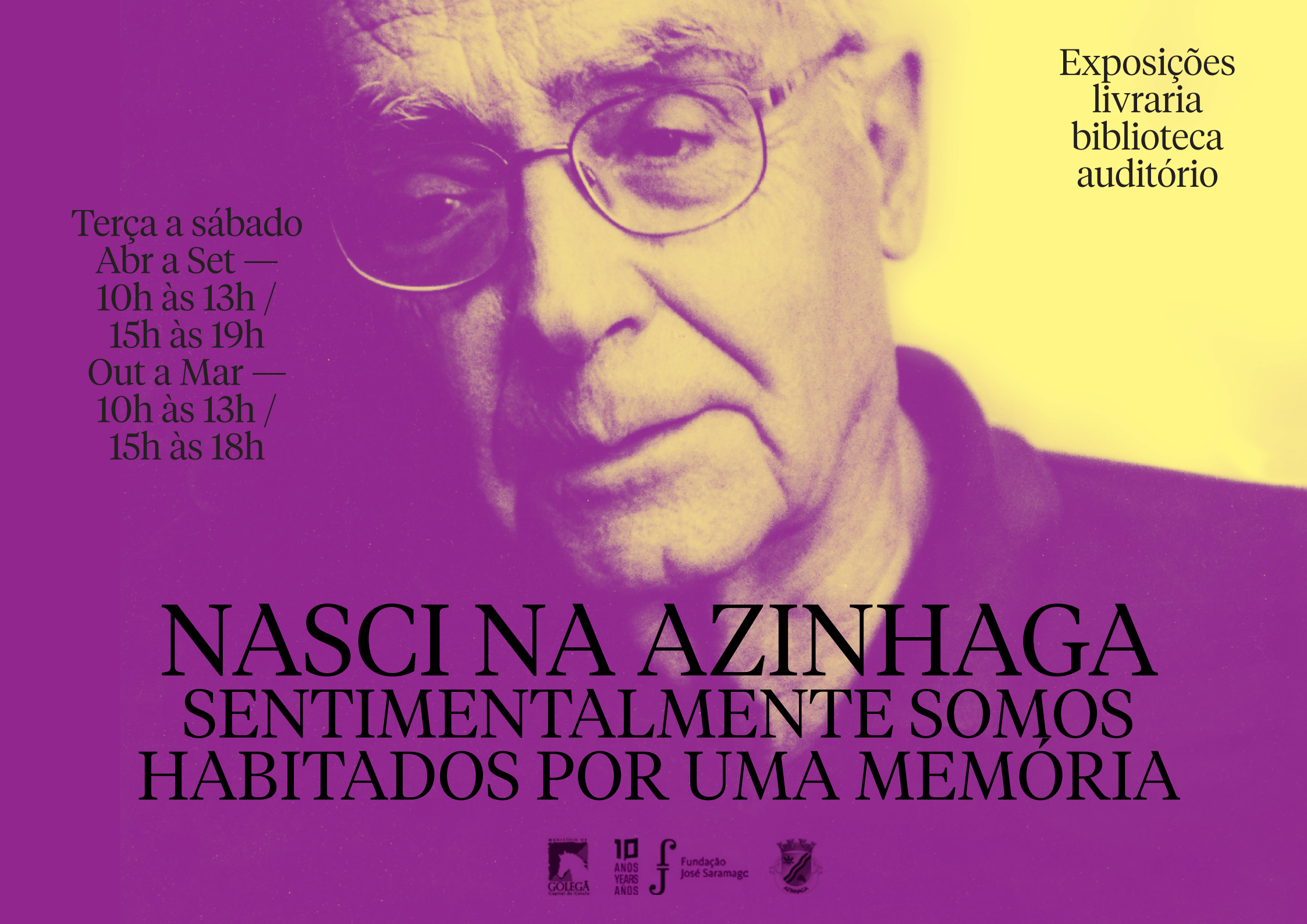
Casa
Fernando
Pessoa

Quarto · *Room*
Sala Multimédia · *Multimedia Room*
Biblioteca · *Library* · Livraria · *Bookshop*
Restaurante · *Restaurant*



CASAFERNANDOPESSOA.PT



A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses, looking slightly to the left. The image is the background for the entire poster.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



Fundação
José Saramago



26 a 30
julho

**Paraty,
Brasil**

Flip: retrato de um tempo novo?

Entre os dias 26 e 30 de julho realizou-se em Paraty, cidade litoral do Estado do Rio de Janeiro, no Brasil, a 15ª edição da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty). Consolidado com o principal encontro literário do país, este ano a Flip teve como principal diferença uma curadoria que procurou dar mais espaço a grupos que em outros anos estiveram sub-representados. Foi a Flip das mulheres e dos negros, ouviu-se dizer nas estreitas e pedregosas ruas da cidade. Outra novidade na festa foi a presença Fundação José Saramago que, em parceria com a Fundação Casa de Jorge Amado, debutou no festival com uma casa que ofereceu uma programação própria. A seguir, uma crónica do visto e vivido durante aqueles dias em Paraty.

A Flip da escuta

Um consenso: foi a mais democrática e plural das edições do encontro. As mulheres e os negros, finalmente, tiveram vez e voz. Além disso, com a redução do tamanho do palco principal o evento foi vivido com mais intensidades nas ruas e praças da cidade, ao mesmo tempo que a programação paralela, oferecida por várias entidades (entre elas a FJS), atraiu ainda mais público e atenção do que nos anos anteriores. Em resumo, ao invés de um espaço grande e imponente, onde poucos falam e muitos escutam, a Flip este ano fez-se em muitos lugares mais intimistas, menos solenes, mais abertos à participação do público. Maior exemplo disso foi a intervenção de Diva Guimarães, uma professora negra de 77 anos que pediu a palavra durante a mesa em que participavam o ator e escritor Lázaro Ramos e a jornalista portuguesa Joana Gorjão Henriques. Dona Diva, como ficou conhecida, fez um extenso relato das dificuldades e preconceitos que sofreu durante toda a vida e emocionou os presentes com as suas palavras. A sua fala foi o momento mais comentado da festa. Uma anónima foi o centro das atenções, sinal de novos tempos.

«Foi a Flip da escuta», resume Schneider Carpeggiani, editor do *Suplemento Pernambuco*, publicação literária brasileira que acaba de completar dez anos de vida. «Ficou demonstrado que é importante saber que há mais vozes em jogo, que talvez estejamos passando por um momento de deslizamento do cânone», completa o jornalista que há anos faz a cobertura do encontro. Acostumado a mediações, Carpeggiani conta que viveu uma curiosa este ano. Convidado para participar numa conversa na Casa Amado e Saramago (CAS) foi interpelado pela presidenta da FJS, Pilar del Río. «Fui convidado para moderar uma mesa com as escritoras e feministas Adelaide Ivánova e Djaimilia Pereira de Almeida. Pouco antes de começar, Pilar olhou para mim e disse: mas é um homem que vai mediar essa mesa? Tomei um choque. Mas ela estava certa. Comentei com o público sobre isso e, reconhecendo a fragilidade do meu lugar e um certo desconforto, coloquei ali o meu lugar de fala. Expliquei o porquê também talvez pudesse mediar aquela conversa. E tudo saiu bem.» Para Schneider, a experiência vivida em Paraty é retrato de um «tempo novo», de «reorganização de lugares». «Vai ser confuso e barulhento, sim. Mas vale a pena.»

Paraty





**Dona
Diva**



Já na sessão de abertura, na noite da quarta-feira (26 de julho), viu-se (e ouviu-se) que este ano a Flip teria muitas vozes. No final do ato, a historiadora Lilia Schwarcz, autora da biografia *Lima Barreto – triste visionário*, e Lázaro Ramos foram até à praça realizar leituras de fragmentos de texto do autor homenageado. Foram recebidos com gritos de «Fora, Temer», e Lázaro Ramos endossou o protesto: «Se Lima Barreto estivesse aqui ele também estaria gritando». Foi muito aplaudido. Vale lembrar que em maio de 2016, quando assumiu a Presidência do Brasil, Michel Temer formou um governo com 23 ministros. Nenhuma mulher e nenhum negro. Sinal de um tempo antigo que insiste em perdurar.

Julia Bussius, editora da Companhia das Letras, definiu como incomum a Flip de 2017. «Com as mesas principais montadas no interior da Igreja da Matriz e o coração da festa deslocado para a praça central da cidade, foi bonito ver um público bem mais diverso e conhecer tantas vozes ainda pouco vistas no Brasil», conta. «Para além da programação oficial, a Flip fica a cada ano mais rica com as atividades paralelas, que acontecem nas várias casas da Pa-

raty histórica. A Casa Amado e Saramago, em sua primeira edição, foi luminosa. Vê-la sempre cheia, com uma programação saborosa, ótimos encontros entre lusófonos de vários cantos do mundo, mostrou como ainda há espaço e vontade para ouvir e falar de literatura.»

A Flip dos leitores

Para Pilar del Río, presidenta da Fundação José Saramago, esta edição da Flip teve como principal diferencial retirar o protagonismo dos autores e passá-lo aos leitores. Talvez porque o autor homenageado, Lima Barreto, era negro, talvez porque pela primeira vez o número de mulheres participantes era maior do que o de homens, talvez pela sensibilidade da nova curadoria, ou simplesmente porque era chegada a hora, a Flip de 2017 foi cenário de uma invasão de leitores que intercambiavam idéias e livros, iam e vinham de uma sessão para outra, e em todas tomavam a palavra de tal forma que uma voz entre o público. Dona Diva, acabou sendo o resumo de uma grande conversa e de todo um festival. Passados 15 anos do seu nascimento

a Festa Literária de Paraty encontrou o seu melhor eu, e isso já não se perderá.» E a «imprevista» presença de José Saramago e de Jorge Amado na Flip foi, para a jornalista espanhola, uma urgência. «Eles tinham que tinha que estar presentes, e com eles tantos capitães de areia e gente levantada do chão, como descreveram e lhes fizeram justiça. José Saramago e Jorge Amado. Não podiam faltar e não faltaram. Dito isso com orgulho e de todo o coração.»

O português José Luis Peixoto é já um habituê do encontro literário realizado no Brasil. Debutou em 2005, voltou em 2012 e este ano, a convite da FJS, esteve novamente em Paraty. «Ao longo dos anos, tive oportunidade de assistir ao grande crescimento da Festa Literária de Paraty. O interesse do público, o ambiente que se gera em torno dos livros, da literatura e dos autores é a característica principal deste encontro que, na sua evolução, não tem perdido o carisma que lhe é reconhecido», comenta. Para o autor de *Galveias*, o mais relevante desta edição foi «a grande força» das programações paralelas. «A dinâmica das instituições e a aceitação do público expandiu bastante as atividades a que se pode assistir durante o período da FLIP. A própria

cidade ganhou vários centros de dinamismo e todo o ambiente da festa ganhou com isso.» Peixoto aponta a Casa Amado e Saramago como exemplo deste novo cenário. «Todos os debates e atividades dessa programação tiveram casa cheia e extraordinária pertinência. A amizade entre Amado e Saramago continua viva em iniciativas como esta, a proximidade entre Brasil e Portugal trabalha-se assim.»

A Casa Amado e Saramago

Nas paredes, fotos de Jorge Amado e José Saramago e xilogravuras de J. Borges, mestre da literatura de cordel. E durante três dias conversas sobre feminismo, direitos humanos, edição, tradução, racismo e, claro, literatura e a relação entre Brasil e Portugal. E falou-se, também, sobre amizade, e principalmente sobre a amizade entre dois grandes nomes da literatura em língua portuguesa: Jorge Amado e José Saramago. Preparado especialmente para ser lançado durante a Flip, o livro de correspondência entre os escritores (*Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, editado pela Companhia das Letras) foi uma das atrações

da festa deste ano, tendo figurado em terceiro lugar na lista dos mais vendidos.

«Penso que além de muito importante, a casa foi uma iniciativa bela. Juntou, pelas letras e pelo nosso mar, dois grandes nomes da literatura em língua portuguesa. O resultado foi magnífico!» opina Ondjaki. Ao lado do músico brasileiro Marcello Magdaleno, o escritor angolano, Prémio José Saramago de 2013, foi o responsável pelo encerramento da programação da CAS com um concerto-performance em homenagem a Jorge Amado e José Saramago. Um dia antes, Livia Nestrovski e Fred Ferreira haviam oferecido um recital de músicas brasileiras que também girou em torno da Bahia de Amado e de Portugal de Saramago.

Um dos momentos importantes – e representativos desse novo tempo da Flip – na Casa Amado e Saramago foi a apresentação do catálogo das *Intelectuais Negras Visíveis*, um trabalho organizado pela professora Giovana Xavier e desenvolvido pelo Grupo de Estudos Intelectuais Negras da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). A reivindicação de espaço e visibilidade para as mulheres negras na área da cultura, objetivo desse catálogo, foi assunto

que permeou várias das mesas na programação principal da Flip. Numa delas, a escritora Conceição Evaristo falou sobre a importância da união de forças e inteligências para derrotar o patriarcado, o racismo e machismo – ou seja, o velho tempo que insiste em perdurar. «Esse momento significa a comprovação da força coletiva. Não estou aqui sozinha. E não podemos deixar de afirmar que não foi concessão. Este lugar é nosso por direito.»

Fotografias: Iberê Perissé/Flip
pág. 20: Walter Craveiro

Joana
Gorjão
Henriques



Lázaro
Ramos



André
Mehmari



A Flip da «literatura menor»

Maíra Nassif Editora da Relicário Edições

Em minha ocupação como editora, sempre que falo de livros, lançamentos e projetos diante do atual contexto do país sinto uma espécie de deslocamento, de constrangimento, de sensação de que estou em um mundo paralelo que não dialoga com nossa tragédia política e não a implica de modo direto.

Sei, ao mesmo tempo, que esse meu pensamento é uma grande bobagem, pois a dimensão da política não está apenas na tematização direta, em tomá-la como objeto e conteúdo, mas também em salvaguardar e celebrar o próprio gesto da criação, da combinação e recombinação das linguagens, capazes de deslocar critérios, naturalizações, discursos e hierarquias, e mesmo apresentar-se como gesto exemplar e metonímia de um novo mundo possível.

Digo isso ao tentar pensar a Flip e o que ela significou sob um ponto de vista mais amplo, e não apenas de minha

vivência individual que por cinco dias tropeçou vertiginosamente nas pedras das ruas de Paraty. Tento pensar qual foi o seu alcance histórico e sua dimensão de mudança. Não sou ingênua a ponto de desconsiderar o caráter mercadológico que ali está em jogo, e nem de achar que uma edição de cinco dias represente o todo da literatura contemporânea nacional e internacional, e muito menos de achar que o valor da literatura se mede pela lógica de sucesso ou fracasso das performances dos autores, de suas vendas e do frisson momentâneo que podem causar. Entretanto, feitas essas ressalvas, é inegável que a curadoria da Joselia Aguiar avançou em pontos essenciais, ao abrir espaço às vozes dissonantes, periféricas, fora do *mainstream* ou, em duas palavras: para a «literatura menor». O que não significa «pior», mas muito pelo contrário. A «minoridade» aparece aí como o traço de variação, diferença, não identificação aos câno-

nes e ao modelo hegemônico. Esses «desvios» da ordem estiveram presentes em vários aspectos: na escolha do homenageado Lima Barreto, nas performances poéticas dos frutos estranhos, no convite a escritoras e escritores cuja forma literária foge aos convencionalismos, no convite a autoras e autores que fazem parte de grupos minoritários cujas vozes historicamente não tiveram o alcance devido apesar da qualidade de suas produções, etc. Penso na ideia de «literatura menor» como aquela que tem a capacidade de invenção de uma língua dentro da língua, que seja capaz de dizer o vetado que precisa ser dito, ou mesmo a realização do esgarçamento dessa língua maior, como um modo de dizer que esta não lhe cabe, não lhe serve e está velha. Há, em todos esses procedimentos, o fato da invenção, e a própria política adentrando o recinto pela revelação da não conciliação, da tensão e da contradição perpétua.

Ideologia, sempre

Fica claro, ainda, que a eleição de quem sai e de quem fica – nos cânones, nas festas e nas prateleiras – nunca foi

algo desideologizado ou neutro. Se há desconfiança de que esta Flip teve um caráter ideológico e militante, porque não podemos pensar que as anteriores também o tiveram, só que sob o ponto de vista da manutenção de certos lugares? É engraçado ouvir resmungos de que agora o critério de curadoria passou a ser o gênero, a classe ou a cor. Mas não foi esse desde sempre o critério da história oficial, só que tendo como protagonistas apenas certos grupos? É como se apenas o desvio da ordem e a desobediência a ela fossem notados, e não a instauração da própria ordem como algo artificioso e historicamente determinado. Penso que a edição da Flip deste ano foi capaz de nos fazer ver como ideologia o que antes parecia natural. Penso, ainda, que a ficção foi, na verdade, o principal tema da Flip: a própria ficção dos nossos lugares histórico-sociais e a necessidade de que sejam reescritos

Lugar de Fala

Luiz Eduardo Soares Antropólogo e escritor

Paraty é uma festa. A FLIP encanta sempre. Em 2017, a Fundação Saramago organizou uma programação paralela muito rica e diversa, acompanhando o espírito da curadoria, que, pela primeira vez, investiu radicalmente na diversidade. Excelente escolha, sobretudo nesse momento brasileiro – e não só –, marcado pela implementação de uma agenda neo-liberal regressiva e devastadora. Na atual conjuntura, saíram do armário espectros ultra-conservadores, quando não fascistas, fortalecendo o obscurantismo, o racismo, a homofobia, a misoginia. Impõe-se, portanto, resistir. A FLIP e a Fundação Saramago ergueram bem alto essa bandeira.

A aposta necessária na diversidade traz consigo novas experiências, concepções e desafios. Um deles situa-se no conceito, crescentemente empregado, «lugar de fala». Trata-se, a meu juízo, de um avanço momentâneo, no *front* político, mas, ao mesmo tempo, de um recuo ou, no mínimo, de um compromisso com pressupostos conservadores que podem cobrar seu preço mais adiante contra os pró-

prios grupos que hoje reivindicam o conceito.

Não se trata de desqualificar as elaborações e, sobretudo, as boas intenções subjacentes, das quais não duvido e com as quais me identifico. O que escrevo a seguir tem o propósito de ajudar a fortalecer os argumentos favoráveis seja ao respeito à alteridade, seja ao reconhecimento e à valorização dos estigmatizados, oprimidos e vulneráveis. Venho aqui colocar em tela de juízo a noção de «lugar de fala». Quando se critica a ousadia tipicamente autoritária, condescendente e «colonial» de falar «em nome de» – e esta crítica, claro, faz todo sentido, tanto ética quanto politicamente –, corre-se o risco, entretanto, de sugerir que haja um falar em nome próprio ou em próprio nome, o que por sua vez supõe que haja um lugar justo, correto, exato de fala. Lugar de fala no qual, supostamente, ajustar-se-iam, ou corresponderiam um ao outro, a fala e seu lugar, a palavra e a voz que a enuncia. A voz, nesse paradigma essencialista, é concebida como fonte da enunciação, uma espécie de ancoragem ontológica, ponto obscuro e fugidio em que o sujeito se encaixa em si,

**Conceição
Evaristo**



**Pilar
del Río**



Álvaro
Tukano



sobrepõem-se a si, encontra-se consigo mesmo, tornando-se a encarnação perfeita de si mesmo, elidindo a representação pelo paradoxal movimento de confirmá-la e dotá-la de unidade com o representado, cancelando-a –abolindo a alteridade constitutiva do sujeito. Assumindo seu «lugar» de fala, na cartilha cartográfica e micro-política, na gramática dessa curiosa moralidade substantivista, o representado representa-se a si mesmo e, neste sentido, prescinde da representação como diferença instituinte.

A Identidade é conservadora

De minha parte, prefiro pensar que não há como escapar à alteridade constitutiva do sujeito, sujeito entendido como o intervalo em movimento que inscreve tempo e diferença na produção de sentido e desejo. Por isso, como dizia Lacan, sou sempre Outro para mim mesmo e não estou ali onde me constituo como sujeito, de onde provém minha fala. Assim, não há lugar de fala, apenas rasuras e deslocamentos, errâncias e afastamentos de pontos de fixação, os quais, como ancoragens que apaziguam, são miragens substancializantes que intoxicam e entorpecem, mas não resolvem, a angústia do ser que somos nos atos de fala e desejo. Identidade é uma ânsia conservadora que se

compraz em projetar sobre o presente – para ilusoriamente garantir um futuro previsível, controlável – a descrição disponível do passado. Seríamos, assim, o que supomos ter sido, reassegurando-nos de que não perderemos o eixo que liga o passado ao futuro. A carteira de identidade, a responsabilidade civil e os laços contratados de amor, convívio e trabalho, atestam a existência fantasmática de um presente eternizado, que exorciza metamorfoses ou, como diria Elias Canetti, inibe a emergência do poeta, ou, como talvez dissesse o genial Robert Louis Stevenson, do criminoso.

Apesar da instabilidade permanente a que estamos condenados, acredito que haja aproximações e distanciamentos, um gradiente de rechaços e imersões – o exemplo extremo do que denomino imersão talvez fosse a participação de que trata Lévy-Bruhl – nos ambientes empáticos que chamamos experiência. Em outras palavras, negros em sociedades racistas como a nossa, migrantes em sociedades nacionalistas e xenóforas, mulheres em sociedades machistas como a nossa têm mais probabilidade de desenvolver sensibilidades específicas e percepções agudas e complexas sobre a vida humana de negros, migrantes e mulheres, respetivamente, mais conhecimento, sob esses regimes de violência prática e simbólica, do que homens brancos brasileiros ou europeus, por exemplo.

Esta conclusão me levaria a adotar como primeiro critério (na ausência de outras informações) de seleção de livros a ler, quando os temas fossem os acima referidos, filmes a ver, depoimentos a ouvir, testemunhos a acompanhar, aqueles produzidos por autores negros, migrantes e mulheres. Pelo mesmo motivo, convidaria, em primeiro lugar, pessoas com essas características biográficas se estivesse organizando um encontro para dialogar sobre tais questões. O critério, a meu juízo, não deveria ser um imperativo, uma norma, moral ou política, tampouco deveria ser exclusivo, determinante ou definitivo. Em outras palavras, não creio que seja um encaminhamento enriquecedor, de um ponto de vista, digamos, libertário – pelo menos quanto à teoria do sujeito –, recorrer ao vocabulário do «lugar de fala», muito menos se este vocabulário estiver a serviço de uma ortopedia do comportamento, de uma política disciplinar, de uma moralidade da culpa, da punição e do ressentimento. Os discursos e atos de fala reivindicarão seu valor, quaisquer que sejam os critérios que definam este valor (os quais poderão inclusive ser estabelecidos pelos próprios atos e discursos), no fragor de sua existência, isto é, *a posteriori*, como diria Richard Rorty, ante comunidades de fala e sentido, sempre abertas a disputas. Comunidades subvertidas e fortalecidas, desconstituídas e ampliadas, nesse mesmo processo.

O Populismo à espreita

Por outro lado, num corte mais superficial da problemática, vejamos como se formulava esse debate na história política convencional do século XX: um operário pode melhor que outro ator social expressar o interesse de sua classe apenas se reduzirmos a noção de interesse à sua versão pragmático-corporativa, típica, como diria o melhor da tradição marxista, do anarco-sindicalismo. O interesse, numa perspectiva histórica, exigiria, para elaborar-se, mediações conceituais que não emanam da experiência ou da identidade objetiva, digamos assim, com a classe operária. Pode-se, é claro, neste ponto, criticar esta tradição por intelectualismo vanguardista, elitista e autoritário, o que faria todo sentido. Contudo, como fazê-lo sem cair no populismo *narodniki* e em suas mazelas, teóricas e políticas? Vale consultar a obra magnífica de Franco Venturi, *Il Populismo Russo*.

Complementarmente, lembremo-nos de Rousseau quando definia bem comum, opondo-o aos interesses individuais ou privados. Para estabelecê-lo, dever-se-ia votar, porque nenhuma entidade *ex-machina*, nenhum demiurgo seria capaz de determiná-lo. Entretanto, o bem comum tampouco poderia ser confundido com a mera soma dos

interesses privados. Por isso, a cada cidadão exigir-se-ia que votasse, apresentando seu ponto de vista sobre qual seria o bem comum, em cada caso, ou melhor, qual, entre as opções em jogo quanto a cada tema, melhor expressaria o bem comum. Esse bem comum poderia ser rebatido sobre a épora da coletividade mais ampla, a sociedade, ou sobre comunidades específicas, indagando-se a si mesma sobre as relações entre o bem comum de comunidades e o interesse geral. Rousseau chamava vontade geral a resposta coletiva à pergunta sobre o interesse geral.

Ninguém é dono do discurso

Vale a pena explorar o diálogo entre as aporias do multiculturalismo contemporâneo, o retrocesso implicitamente essencialista do relativismo (neo-herderiano) e os desafios enfrentados por algumas tradições do pensamento político. Nada resolvido, muito a pensar. Sobretudo, para mim, fica a lição: vale a pena privilegiar a dúvida sobre a certeza e recusar todo dogmatismo. Desse modo, pelo menos o diálogo sempre prossegue, adiando o obscurantismo, a violência, a morte. Eis, em suma, meu ponto de vista: o enunciado não carrega a verdade do sujeito ou de sua ex-

periência. A relação do enunciado ou da fala com o que se chama realidade (ou sua realidade, seu lugar) é problemática e mediada, muito mais construção, prática e discursiva, do que representação. Ninguém é dono de discurso algum, de lugar nenhum ou da própria pretensão de verdade ou de autenticidade. Esse é um campo de articulação e disputa, a questão é saber, em cada caso, o que está sendo disputado, qual o objeto de desejo.

A propriedade privada é um mal até mesmo no domínio do discurso. Não porque a coletividade deva reinar sobre a individualidade, mas porque essa individualidade é fraturada: o Outro está fora e dentro de nós, a consciência não conhece nem controla o sujeito, e a experiência dita real não é transparente, nem mesmo ao sujeito, uma vez que a linguagem, sem a qual não há experiência dotada de sentido, não tem centro nem espelha o referente. Por isso, se o processo democrático avançar e se radicalizar, como desejo, a legitimidade discursiva será conferida menos a priori, a depender de quem o enuncie, e mais a posteriori, a depender das avaliações que o discurso conquiste e mereça. De todo modo, não esperemos apaziguamento nessa matéria: o terreno das interpretações é sempre polissêmico, polifônico, polêmico e atravessado por contradições, como nós mesmos e a política.

A CASA DA ANDRÉA

O PANO DO KALAF

ANDRÉA ZAMORANO

Tudo havia dado mais do que certo na minha primeira participação na Flip. Naqueles cinco dias em Paraty, fui cinegrafista, porteira, garçonne e até escritora na Casa Amado e Saramago. Transmisti “lives” para as redes sociais, controlei a porta quando as filas passavam das duas horas de espera – devo dizer que o povo se cansava contudo não se impacientava – servi vinho para os que estiveram no concerto de encerramento, partilhei o palco com José Eduardo Agualusa na minha vez de ser autora e também dei autógrafos. Ri-me com as suas leitoras que, a seguir à nossa mesa, se confessavam maravilhadas pela forma simples como eu o tratava: “Zé”. Admiravam-se pela descoberta da dimensão doméstica de um escritor.

Invadida pela sensação do dever bem cumprido, o meu contentamento era tanto que equivocadamente acreditei estar imune às amplitudes térmicas que se fazem sentir do dia para a noite naquelas terras do litoral fluminense. Afinal de contas, podia até não parecer, mas era inverno no estado do Rio de Janeiro. Habituada às agruras da Europa, decidi que não seria uma araganzinha húmida de beira de praia que me faria perder a última noite da Flip. Segui em frente me equilibrando nas pedras carroçadas em forma de amendoim com rapadura.

Foi quando reparei no gesto de Kalaf. Inadvertido quanto à minha frialdade, ele abria a sua

bolsa e retirava lá de dentro um cachecol. Lépidia, antes que completasse o movimento de o pôr no pescoço, subtraí o cachecol das suas mãos. Passei a tira larga de tecido pelas costas sem constrangimento, tratando-a então por écharpe. Kalaf balançou os ombros face às inevitabilidades do furto e do novo nome.

Quando na manhã seguinte nos encontrámos, já a caminho de regresso para o Rio de Janeiro, avisei-o que trazia a écharpe que ele havia sido forçado a me emprestar. Ele agradeceu e lamentou “desconseguir” me oferecer o cachecol por ter sido presente de pessoa de família. Garanti-lhe não ser preciso, apesar da beleza do tecido. A conversa entabulou nas horas paradas no trânsito, por fim chegámos à cidade. No entanto, só muito depois do túnel Rebouças, lá em Brás de Pina, subúrbio carioca da Leopoldina, dei conta que Kalaf havia saído sem a écharpe.

Preocupada, visto ser peça de estima do autor, decidi deixá-la no porta-luvas do carro da minha mãe – meu carro por aqueles dias – não fosse ter a sorte de me cruzar com o escritor na cidade. Não aconteceu. Entre lançamentos do meu romance, entrevistas, visitas a parentada e algumas noites de samba com os amigos, acabei descobrindo que a única escola do grupo especial

do Rio de Janeiro comandada por uma presidenta vai apresentar um enredo sobre mulheres no próximo carnaval – bravo Salgueiro! E nunca mais me lembrei da écharpe, confesso.

Saí da Tijuca para Petrópolis, a cidade imperial – também dava um bom título de enredo – mais entrevistas, lançamento e, pasmem, uma menção congratulatória na câmara dos vereadores. Voltei para o Rio cheia de um orgulho de criança escolhida pela professora para distribuir a prova para os colegas.

A caminho do Santos Dummont, por fim me lembrei da écharpe compartimentada no painel do carro. Enfiei-a dentro da manga do casaco que levava no braço. Ia para o sul, o frio já me havia enganado uma vez. Na minha chegada, encontrei-me com o futuro no aeroporto, uma menina ativista negra que recita poesia de intervenção aos seis anos de idade. Anaya foi levada pela sua avó, a contista Dukarmo. Conhecemo-nos em Paraty, estávamos em Porto Alegre, tal como a écharpe de Kalaf. A amizade não precisa mais do que corações abertos. Despedimo-nos com troca de livros, abraços apertados, uma foto em conjunto e a promessa de voltarmos a nos encontrar. Parti com o motorista para quase trezentos quilómetros de estrada até à Universidade Federal de Santa Maria. Pus uma garrafa de água e a écharpe de Kalaf no banco traseiro.

A meio da viagem fomos colhidos por uma tempestade. Levamos mais de seis horas para chegar ao hotel. O motorista descarregou as bagagens e fui de imediato para o quarto onde entrei em pânico ao me aperceber que a écharpe havia ficado esquecida no carro. Esperei até chegar na universidade, na manhã seguinte, para conseguir enviar uma mensagem ao motorista que argumentava convicto que a única coisa que havia no carro era uma garrafa da água e um pano. A felicidade que senti naquela tradução. Não era nem cachecol, muito menos a pretensiosa palavra que eu usava –écharpe. Tratava-se de um pano de linho com uns sessenta centímetros de largura, bem vistas as coisas, apenas um pano.

Já passamos por Londrina e estamos em São Paulo, mais uns minutos e estaremos precisamente na Casa das Rosas, o local simbólico marco da minha jornada. Mas o pano não vai não. Fica aqui em casa do meu tio. Apesar da descomplicação nominal, ficou a responsabilidade.

Na próxima segunda-feira, regressamos a Lisboa – eu e o pano do Kalaf – sigo para Algarve com recém-renomeado que pano vive no fundo da minha mala à espera do dia que regressará ao seu dono. Quem sabe na volta...



as máscaras que o contam

**Sara
Figueiredo
Costa**

Fotografias
José
Frade

Quando o Carnaval chegou ao México, algures no século XVIII, há muito que as máscaras desempenhavam funções de relevo nos rituais dos povos que habitavam o território. Sob o domínio espanhol, chegou essa nova festa, originalmente pagã, mas agora definida pela doutrina cristã como um período onde certos excessos eram aceites como válvula de escape social que antecedia o rigor da Quaresma.

A exposição *Do Carnaval à Luta Livre: máscaras e devoções mexicanas*, patente no Palácio Pimenta/Museu de Lisboa até ao próximo dia 1 de outubro, percorre as festividades tradicionais mexicanas, mostrando como se cruzam as efemérides cristãs e as narrativas muito anteriores à chegada dos espanhóis, as celebrações cosmogónicas e de luta entre o bem e o mal e os rituais que importavam (histórias europeias, lutas entre cristãos e mouros, santos que vencem demónios, fariseus invadindo praças) para um contexto totalmente novo. No percurso, a exposição comissariada por Anthony Shelton e Nicola Levell, e inserida na programação de Lisboa Capital Ibero-Americana da Cultura 2017, inclui a luta livre, mistura de desporto e representação, elemento fundamental na cultura mexicana contemporânea. Neste desporto nacional, os lutadores (homens e mulheres) caracterizam-se pelas máscaras que usam, assumindo a identidade que estas lhes conferem e encarnando, assim, personagens que serão também elas protagonistas de narrativas com uma vertente dramática e, muitas vezes, associada à velha disputa entre o bem e o mal.

Na primeira sala da exposição, três fileiras de máscaras oriundas dos carnavais de Tlaxcala e Puebla mostram

dois dos personagens centrais da festa nestas localidades: catrines, os dandies europeus, e vaqueros ou charros, os fazendeiros locais. As máscaras constroem-se em madeira ou resina, algumas incorporando olhos de vidro e pestanas falsas que emprestam aos seus utilizadores uma fisionomia hiper-realista. Na parede, um filme mostra imagens de desfiles carnavalescos recentes e as máscaras alinhadas frente ao espelho da sala ganham vida nos rostos dos participantes. No teto, uma série de guarda-chuvas pretos lembra a coincidência de calendário entre o carnaval e a estação das chuvas, essencial para a renovação dos campos e a produção agrícola que garante a sobrevivência da comunidade.

Celebrações ancestrais da cultura mexicana e a influência das narrativas histórico-religiosas levadas pelos colonizadores espanhóis marcam a segunda sala da exposição. As danças e encenações de carácter didático introduzidas pelos missionários franciscanos e jesuítas como forma de impor o cristianismo e as suas narrativas cruzaram-se com rituais muito anteriores à presença espanhola, criando cerimónias onde a assimilação parece pesar muito mais do que o antagonismo entre culturas. Apesar disso, notam-se as marcas ancestrais nos rostos esculpidos de demónios e

as máscaras que contam o México





as máscaras que contam o México



as máscaras que contam o México



as máscaras que contam o México



as máscaras que contam o México



seres das profundezas, nos caimões de dentes ameaçadores, nas máscaras da morte – estas últimas muito associadas ao imaginário europeu sobre o México, dada a importância do Dia dos Mortos, são muito mais raras do que poderíamos imaginar. Na procissão carnavalesca de San Bartolomé de Águas Calientes, os demónios surgem em máscaras sumptuosas, de um vermelho vivo que predomina sobre a restante decoração, e fazem-se acompanhar de um chicote que vai estalando no chão e afastando os transeuntes.

Do Carnaval à Semana Santa, as máscaras continuam a ser presença importante nas celebrações comunitárias. O enforcamento de um judas em plena praça pública surge enquadrado por uma parafernália de seres demoníacos, mas também de fariseus e romanos, e até de máscaras onde se reconhecem os rostos de figuras como Barack Obama e Donald Trump, como se vê num dos filmes que vai sendo exibido nesta sala. A tradição confirma a sua força na atualização constante levada a cabo pelas comunidades, que vão inserindo nos momentos celebratórios as imagens e referências significantes do seu dia a dia e da sua mundividência, independentemente da cronologia que lhes subjaz.

No século XVI, as primeiras encenações de batalhas entre espanhóis e mouros transportaram o imaginário medieval europeu para o centro do México e aí ganharam novas raízes, permanecendo até hoje. A narrativa destes combates colocava os espanhóis no papel de heróis e inegáveis vencedores, relegando aos mouros o papel de derrotados e impondo uma analogia óbvia entre estes e os indígenas do território mexicano. A analogia permaneceu como subtexto de humilhação e reforço de uma autoridade que não admitia contestação, mas a verdade é que em algumas regiões de Jalisco e do Vale de Oaxaca as encenações festivas destas batalhas decorrem com um final alternativo, aquele em que os mouros vencem sempre os espanhóis.

Na década de sessenta do século passado, o turismo chegou em força ao México. Nas aldeias de Guerrero, onde a madeira era matéria prima abundante e o seu trabalho um ofício frequente, começaram a esculpir-se máscaras para vender aos turistas. De tal modo, como se lê num dos textos de sala, que a primeira grande investigação sobre máscaras mexicanas, da autoria de Donald Cordry (*Mexican Masks*, 1980), não conseguiu separar máscaras mais

as máscaras que contam o México

Xis

as máscaras que contam o México



antigas e cerimoniais das modernas invenções dos artesãos dedicados ao turismo. Na terceira sala mostram-se, então, máscaras de temática muito variada, revelando a influência de temas tradicionais mas igualmente a criatividade moderna de quem se foi dedicando a esculpir novos objetos. Sereias, tritões e animais mitológicos juntam-se a personagens barbudas, lagartos coloridos e representações de pecados ou virtudes.

A sala que fecha a exposição é dedicada à luta livre, confirmando a sua imensa importância social e cultural no México contemporâneo. A parede ocupada por dezenas de máscaras ilustra a quantidade de informação que é possível integrar num pedaço de tecido destinado a cobrir o rosto dos lutadores. Chifres, elementos aztecas, cores garridas ou letras permitem identificar cada um dos personagens em confronto na arena, identificando a sua personalidade e modo de lutar. A rodear estas máscaras, as fotografias de Lourdes Grobet mostram alguns lutadores, com o rosto devidamente coberto pela sua máscara, em contexto familiar, longe da arena e do barulho da multidão que costuma assistir aos combates. Há pais e mães de família,

rodeados pelos filhos pequenos, atletas de músculos cheios em sofás acetinados, lutadores temidos abraçando familiares próximos em salas onde se percebe a intimidade e o ambiente aconchegante. O contraste com os cartazes dos muitos filmes (e livros de banda desenhada) dedicados à luta livre, com a figura de El Santo a destacar-se entre os mais famosos, é notório, e onde os filmes encenam uma violência heroica no enfrentamento de bandidos reais ou mitológicos, as imagens de Lourdes Grobet são a acalmia onde a máscara é apenas um modo de não revelar o rosto, e já não o símbolo de um modo de luta. No meio, a arena vazia acolhe quem queira ver alguns dos filmes que se exibem num grande ecrã, mostrando que o amadorismo e os poucos recursos da sua produção – onde há vampiros com dentes de plástico, explosões sem aparato e perseguições na estrada onde os carros parecem imóveis – não impediram o género de conquistar seguidores fiéis. Pode ser que muitos já não se lembrem de pedir chuva na altura da sementeira, ou de exorcizar demónios ao ritmo das estações, mas as máscaras continuam a cumprir as suas funções nas estruturas comunitárias e sociais mexicanas.

A woman with long, dark hair is singing into a microphone on a stage. She is wearing a dark red, off-the-shoulder dress with a lace collar. The background is dark with a red vertical stripe. The text "As vidas da «Gata» Varela, estrela do tango argentino" is overlaid on the right side of the image.

As vidas da «Gata» Varela, es- trela do tango ar- gentino

Ricardo
Viel

«Minha primeira vida foi como fonoaudióloga, entre atendimento em consultórios e viagens pelo mundo todo para acompanhar o meu ex-marido, um jogador de tênis. Depois me separei e comecei a cantar, e o resto você já sabe», conta Adriana Varela, vestido vermelho, sapato de salto alto brilhante, sentada tranquilamente num sofá minutos antes de entrar a cantar no palco montado no jardim do Palácio Pimenta, em Lisboa. A argentina era uma das atrações do festival «Soy loco por ti América», programa das festas da cidade e da capital ibero-americana de Cultura. A história da segunda vida de Adriana Varela começa numa noite do início dos anos 90 em que Roberto Goyeneche, uma lenda do tango, a escuta cantar num pequeno bar de Buenos

adriana varela

Aires. Encantado pela voz e atitude da cantora no palco, «El Polaco», como era conhecido, decide apadrinhá-la. E assim termina a vida de Beatriz Adriana Lichinchi, fonoaudióloga e ex-esposa de um jogador de tênis famoso, e nasce para o mundo da música Adriana Varela. «O resto» a que faz referência nesta entrevista à *Blimunda*, é uma carreira de mais de 25 anos de êxito, prêmios, apresentações nos principais teatros do mundo, e uma coleção de fãs que inclui nomes como Vázquez Montalbán, Caetano Veloso e Joaquín Sabina. E ainda assim, parece que a fama não subiu à cabeça dessa *mina*, como se auto-intitula usando a gíria argentina, nascida em 1952. Também é conhecida como «La gata» Varela, e pelo que se sabe, assim como os felinos, também tem mais de uma vida.



Costumas pensar em como teria sido a sua vida se não tivesse sido descoberta por Roberto Goyeneche?

Não penso nisso, penso demais, mas não nessas coisas. Penso muito em coisas existenciais, nos filhos, coisas que têm que ver com o humano e o cotidiano, mas em mim, como profissional, não costumo pensar.

Quando vejo os elogios que lhe fazem penso: como fazer pra manter os pés no chão quando Sabina, Serrat e tantos outros se ajoelham diante de si?

Caetano também (risos). Não me dou conta, não cai a ficha. Bom, aproveito tudo, parece-me mentira quando acontece pela primeira vez. São pessoas que eu escutava antes de cantar, gente que significa muito para mim, e de repente propõe-me algo, querem gravar comigo... Mas depois isso passa, depois eu sou só uma mina que vai pela vida, que toma um táxi etc.

E que vai parar num livro de Vázquez Montalban.

Bom, isso sim me emocionou. Mas ao invés de eu sentir-me «creída», eu virei amiga do Manolo. Então imediatamente veio a paridade. Eu o amei muito, era uma relação

humana, e isso é um mecanismo de defesa contra a fama muito eficaz.

Talvez se isso tivesse acontecido quando você tinha 15 anos seria distinto.

Seguramente, seguramente. Além disso eu venho da dureza da medicina, daquilo que é o contrário à loucura. Algo demasiado racional, eu tive que ficar um pouco louca para fazer isso e sentia o murmúrio das pessoas que diziam «está louca, separou-se, como vai cantar tango se nunca gostou?» E no entanto eu não liguei para isso, fiquei louca, louca tranquila, mas não dei ouvido.

Como foi isso? Se que você gostava de rock, ouvia Beatles e cantava rock em castelhano, e começa a cantar tango em alguns lugares até que um dia o Goyeneche está por lá, escuta você cantar...

Exatamente, no Café Homero, um lugar pequeno mas onde ia toda a elite europeia. Eu contava outro dia a uma pessoa que uma vez encontrei o Omar Sharif lá, porque ele era fã do Polaco Goyeneche, e depois fiquei sabendo que ele comprou uma égua na Argentina e lhe deu o nome de La Varela, imagina!

Sentes saudade daquela época do começo?

Não, isso já passou, eles já não estão. Eu conheci os melhores e eles me abraçaram, como se eu fosse uma filha ou neta. Diziam-me coisas muito bonitas, eram muito engraçados. Diziam: você vem da universidade, o que faz aqui? E me contavam sobre aquela Buenos Aires que não conheci, e eu aproveitei isso. O que resta é recordar, é contar histórias, que é o mesmo que estar ali com eles. E render homenagem.

O mundo do tango é bastante machista, não é?

O mundo é machista. Acho que o tango tem uma coisa interessante que é não dissimular o machismo, não o ocultar. Vamos extrapolar o exemplo: se um homem mata uma mulher num tango, numa poesia, mata fora porque não pode matá-la dentro. Então o que eu digo é que, tendo conhecido os homens do tango, os heróis, os maiores, os melhores, sei que jamais fariam uma coisa assim. Eles riam dos machistas. E além disso tinham a mulher supra-dimensionada, como todos os homens fazem. A mulher está tão super dimensionada que alguns ficam loucos e acabam por matá-las. Mas eu notei isso,

que no tango a mulher é a projeção da mãe. E nós não podemos ser as mães, somos a mulher. Volta para a sua mãe, eu não sou a sua mãe! (risos)

O fado hoje está na moda de novo, gente jovem canta e escuta. Como vai o tango?

Igual que o fado. Os meus filhos, que são fãs do rock argentino dos anos 80, escutam tango também, porque não têm preconceitos. E também escutam fado, por isso sei que o fado também deu essa volta. Acho que, mais do que com a moda, isso tem a ver com a identidade. Acho que é um fenómeno global. As pessoas necessitam pertencer, a identidade é algo que se procura na cultura. Não é algo dado, é preciso procurar. Está ali, mas não te contam. Eu quando era miúda também tive que buscar, porque na rádio, como agora, tocava merda. Sempre foi assim.

O tango então também vive um momento de renascimento?

Totalmente, mas eu, quando me aproximei do tango, foi em 91, ninguém entendia.

Acho que há algo parecido também entre o tango e o fado que é a questão dos puristas.

Que são os que matam...

Com o fado, se alguém coloca percussão numa música já sai um grupo a dizer que aquilo não é fado.

É igual lá. Aconteceu com o Piazzolla e continua a acontecer, é uma loucura.

No Brasil isso não acontece, nunca ouvi ninguém reclamar porque misturaram samba com rap ou música eletrônica.

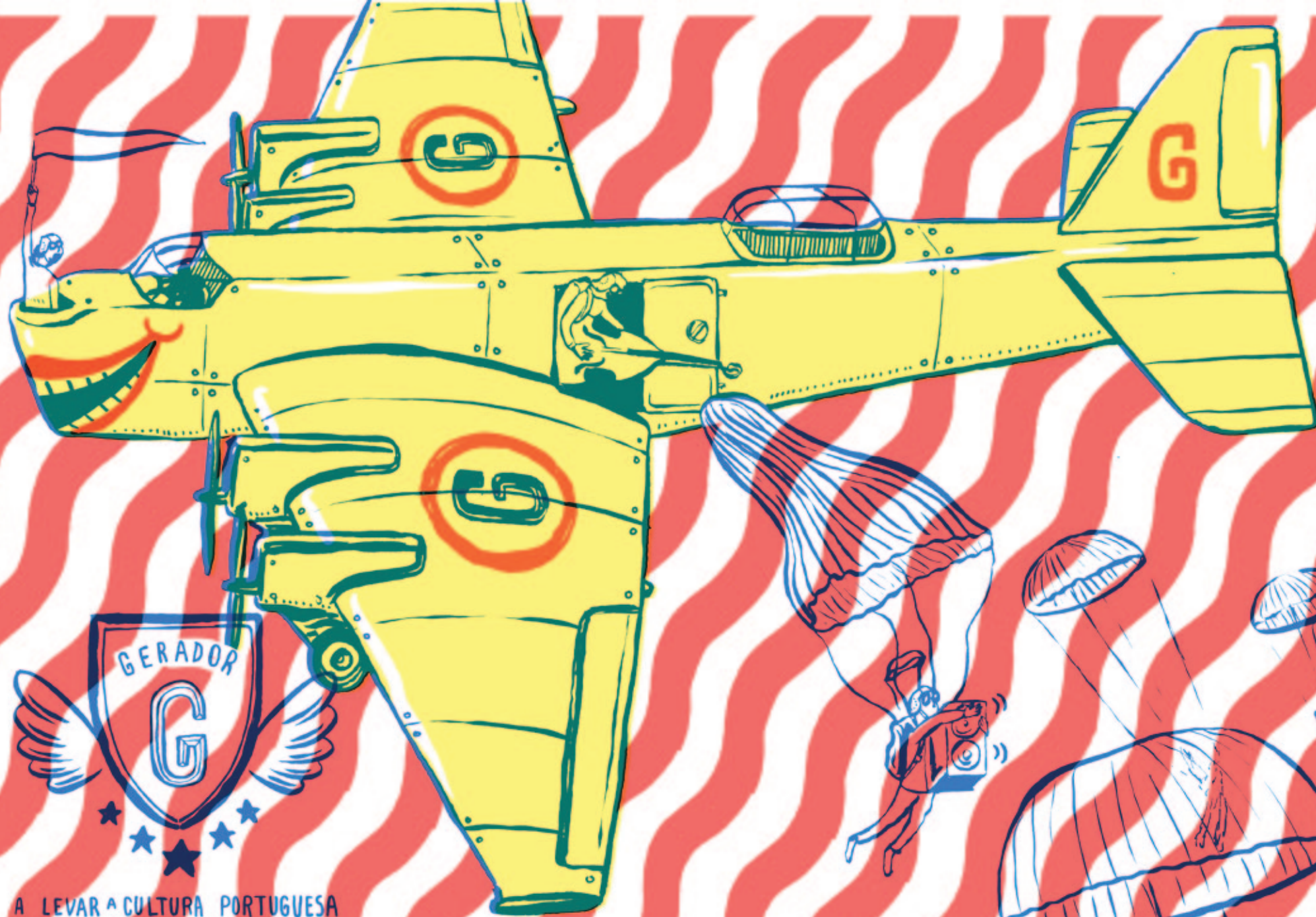
Sim, mas o Brasil tem um fenómeno que não tem ninguém mais no mundo que é a sua música. Para mim Chico Buarque é o poeta latino-americano com mais capacidade de síntese, que é o mais difícil num poeta. Milton Nascimento é a voz americana. Ele e o uruguaio Ruben Rada são as duas vozes do continente. E a minha cantora preferida, de todas, é Elis Regina.

O que a fama mudou a sua vida?

Nada. Bom, eu me tornei um pouco fóbica, não pelas pessoas. As pessoas que se aproximam de mim são muito

respeitosas, não são compulsivos, gente que se aproxima com humor, de uma maneira muito boa. Há muitos jovens que vêm falar comigo. Mas a minha fobia não tinha a ver com a fama, mas com as viagens. Para mim o aeroporto é um limbo, é um Purgatório. Voar não é normal. E além disso, antes, com o meu ex-marido, eu viajei muito, cansei, odeio viajar. Estou aqui com você, está tudo bem, mas adoraria depois de falar com você e cantar, apertar um botão e estar na minha casa, na minha cama. Eu sou uma pessoa muito lenta, sou Touro, e demoro para realmente chegar aos lugares, por isso pirei. O avião não me dá medo, não me chateia, o que chateia é o traslado, os papéis, a foto, a maleta, tira o sapato, passar pelo controle etc. Quando chego em casa depois de uma viagem digo: que sorte que cheguei, que sorte!

Fotografias de José Frade



A LEVAR A CULTURA PORTUGUESA

✈ A TODO O LADO ✈

O Gerador é uma plataforma de ação
e comunicação para a cultura portuguesa

DESCOBRE-NOS EM GERADOR.EU

visitas guiadas

mapas, guias e jogos para co-
nhecer cidades

ANDREIA
BRITES

verão, férias e viagem são normalmente bons companheiros. Por isso, este mês propomos mapas, roteiros, guias, livros de atividades e jogos sobre cidades. Apesar de tantas designações, são apenas seis sugestões! Supostamente para os mais novos...

Cidades de há cinquenta anos

Originalmente publicado em 1960, este é um dos vários guias que o autor checo Miroslav Sasek criou, depois de *Isto é Paris*, *Isto é Londres*, ambos de 1959 e *Isto é Roma*, também de 1960. A editora Civilização publicou este título em 2011, assim como os três anteriores mas não é fácil encontrá-los hoje em dia nas livrarias. Apesar do lapso temporal ser grande, os roteiros não perderam atualidade, graças à abordagem de Sasek que em cada volume encontrava um mote e a partir daí chegava a monumentos, bairros, ruas e avenidas, lojas, habitantes, curiosidades. No caso de *Isto é Nova Iorque*, o ilustrador foca-se na dimensão. Tudo é grande na Big Apple e isso é razão para referir edifícios, ruas, automóveis, engarrafamentos, jornais ou o próprio clima. Tudo é apresentado com bastante informalidade e como se de uma curiosidade se tratasse. O pormenor que dá identidade ao espaço acompanha referências ao cinema e outras artes com tamanha naturalidade que nunca se intui um pendor didático nas informações avançadas. Para além da enumeração sucessiva, há ainda momentos em que o narrador se dirige diretamente ao leitor, estabelecendo uma relação próxima e cúmplice, como se se tratasse de uma conversa em

que um conta ao outro o que viu e mais o surpreendeu. As ilustrações são detalhadas e obedecem a perspetivas distintas, que permitem ao leitor conjugar a altura dos edifícios com o rebuliço das ruas, com as lojas e as pontes, ou com a moldura de arranha-céus de dia ou de noite. Tudo flui, como num passeio em que o mais importante é determo-nos e apreciar.

«A minha cidade»

É uma coleção e um bom contraponto à de Sasek. Se a primeira é pensada sob a perspetiva do visitante, esta é pensada pelo habitante que a vai desenhar. A primeira relaciona-se com o leitor pela proximidade do discurso e não por nenhuma implicação subjetiva de quem escolhe os pontos de interesse. Quando a Pato Lógico lançou os dois primeiros mapas, *Beja* e *Edimburgo*, em 2016, deixou clara qual a intenção do projeto: dar a conhecer cidades, mas eventualmente vilas, a partir do olhar de um ilustrador que com elas tivesse uma relação afetiva, por ali viver, por ser o seu lugar de nascimento, por ali ter estudado ou trabalhado um tempo...

O que não muda é a estrutura: um desdobrável em que cada parte corresponde a um lugar, alcançando-se seis dobras e



Bem-vindo a Chinatown!



Harlem fica na uptown,
a zona norte de Manhattan.

A policia fecha imensas ruas em Nova Iorque
para que as crianças possam brincar nelas.







CALÇADA DA VILA

RUA ESCURA



JANELA MANUELINA

TEATRO VIRIATO



MONUMENTO AO SOLDADO DESCONHECIDO

4 MUSEU GRÃO VASCO

2

BOSQUINHAS

RUA DO GONÇALINHOS

RUA DA PREBENDA

RUA CAPITÃO SILVA PEREIRA



3

CASA DAS BOCAS

RUA 5 DE OUTUBRO

LARGO DE SANTA CRISTINA

RUA DA ARVORE

RUA DIREITA

SÉ DE VISEU

11

RUA DO CARMO

RUA DR. LUIZ FERREIRA

PORTA DO SOAR

1

ADRO DA SÉ

MERCADO 2 DE MAIO

8

RUA FORMOSA

6 CONSERVATÓRIO

RUA ALEXANDRE LOBO

RUA SOLAR DE CIMA

RUA DA PAZ

CIRCUNVALAÇÃO

doze lugares, frente e verso da extensa folha. Depois de desdobrado, estende-se o mapa da cidade, com todos os locais assinalados, para uma ideia global das distâncias e da forma como o ilustrador percebe a urbe. Susa Monteiro não abdica de tons mais escuros e suaves, como o lilaz, o cinza ou o azul e assim retrata Beja, a sua cidade natal onde continua a viver e trabalhar. Contraria por isso a sensação do branco e do amarelo das searas e do sol refletido na cal das casas, sensação quente, graças à sua estética. Já Marcus Oakley opta por um estilo mais gráfico, com uma paleta maior e mais forte de cores, e muitos objetos que parecem bailar nas suas geometrias e padrões. *Edimburgo* ganha essa luz e uma alegria que contrastará com o clima mais sorumbático. Para cada lugar uma pequena entrada diarística, mais ou menos implicada. Os ilustradores escolhem sítios onde se encontram com amigos, onde comem iguarias, livrarias onde se perdem, ou pelo menos perdem a carteira, ciclovias, parques, esplanadas, museus, bares, mercados... há de tudo um pouco. O de Madrid é o mais expansivo dos quatro, com maior diversidade de espaços sempre muito bem justificados na biografia de Manuel Marsol cujo texto parece mesmo querer convencer o visitante a experienciar as mesmas sensações.

Portugal em patchwork

Portugal para crianças é um livro de atividades editado pelo atelier Lupa Design em 2012 que propõe aos mais novos partir em busca de pistas sobre a história e os costumes portugueses. Há casas típicas a que se podem juntar outras, desenhadas pelo leitor, cartas para escrever à namorada de Camões, uma galeria de retratos de figuras históricas para preencher, pinturas rupestres, mosaicos romanos, monumentos, plantas, rolhas de cortiça, garrafas de vinho, sempre com uma atividade associada.

No final do livro a possibilidade de registar os lugares onde se esteve, o que se comeu, o que se viu e ouviu permite alargar a ideia num diário de férias, com um mapa para se assinalarem os nomes das cidades ou regiões. Há ainda espaço para algumas escolhas, direcionadas aos adultos, como forma de os dotarem das ferramentas para proporcionarem às crianças as viagens e o acesso a cada sugestão do livro.

Joana Paz e Danuta Wojciechowska conciliam história com fantasia neste guia trilingue, todo a preto e branco, de que cada leitor se apropriará como autor. É mais do que um

livro para colorir ou desenhar, já que cada um ali pode inscrever a sua própria experiência, de uma assentada ou à medida que for conhecendo o património e a história do país. As páginas em branco, destinadas a notas, ampliam ainda mais as hipóteses criativas de cada um: ali pode registar-se um diário gráfico, um registo escrito, um pequeno álbum fotográfico ou colagens de bilhetes e outros papéis significativos para a memória afetiva de cada um.

Percorrer a história

Quando Guimarães foi Cidade Europeia da Cultura, em 2012, a Planeta lançou *Guimarães: Guia da Cidade para Jovens Exploradores* com vários percursos desafiantes para os mais novos. Na verdade, os percursos sugeridos podem interessar a qualquer pessoa de qualquer idade, o que difere são as estratégias escolhidas para motivar as crianças a descobrir a cidade. O guia abre com uma breve história da cidade, desde a presença celta até ao séc. XXI. A cada passo, dá-se nota ao leitor de edifícios, estátuas, ruas, lugares que poderão ser visitados num dos percursos propostos. Em

seguida, os percursos. Para cada um há um título apelativo: «Freiras, piratas e cavaleiros: do Mosteiro ao Castelo» é o primeiro. O mapa é o elemento orientador e antecede toda a descrição do caminho a trilhar. Aos exploradores são dadas todas as orientações para encontrarem os pontos estratégicos a visitar. A propósito pode ser indicado que no Museu Alberto Sampaio existe um santo degolado, o que parecerá bastante apelativo, ou contada a lenda que deu origem ao nome do Largo da Oliveira, lugar icónico do centro histórico da cidade. O segundo percurso faz-se dentro do Paço de Guimarães. Complementam-se informações sobre objetos de época com comparações com o presente, explicam-se comportamentos e tradições e não se deixa passar em claro a recuperação do Paço, feita durante o Estado Novo, como aconteceu com vários castelos em todo o país. Lançam-se pistas e remete-se o leitor para a História que servira de contextualização. Explicam-se os episódios tecidos nas tapeçarias e de onde elas vinham, bem como o sentido original de pôr a mesa e como se compunham medicamentos no renascimento. O terceiro percurso é ainda feito dentro das muralhas da cidade antiga, chamando a

Invent a poster announcing a concert with the famous fado singer **AMÁLIA RODRIGUES**.

Desenha o cartaz para um concerto de fado da **AMÁLIA RODRIGUES**.

FADO



Dessine l'affiche pour un concert de fado d'**AMÁLIA RODRIGUES**.
Entwurf ein Plakat für ein Fadokonzert von **AMÁLIA RODRIGUES**.

Draw yourself in the Chiado beside the famous poet Fernando Pessoa.

Desenha-te no Chiado ao lado do famoso poeta Fernando Pessoa.
Dessine-toi, assis au Chiado, à côté du célèbre poète Fernando Pessoa.

Zeichne dich, wie du im
Chiado neben dem berühmten
Dichter Fernando Pessoa sitzt.





P3. POR S. JORGE A VILA CRESCE

Por S. Jorge A vila cresce

Uhm!! Que cheirinho... Neste belo jardim do **Largo Martins Sarmento** não há falta de espaço: ao que parece, este é o local de uma antiga muralha que terá sido deitada abaixo na mesma altura em que foi construído o Paço. Grande coincidência, ou talvez não...



As casas são bem lançadas e arejadas: a dos Condes de Margaride, o Convento do Carmo... Muito pouca gente mora hoje aqui. Aquela casa mais à direita, onde é agora a Universidade da Terceira-Idade, foi mandada construir pelo próprio Martins Sarmento: arqueólogo, poeta arrependido, fotógrafo e outras coisas mais, que aqui viveu até morrer em 1899. Logo no dia a seguir à sua morte, a cidade deu o nome dele a este largo! Existe um sítio onde podes descobrir quase tudo sobre ele: na Sociedade Martins Sarmento.

«Casas com mundos dentro» P4



É quase como se estivéssemos fora da cidade. Por isso toca a descer pela **Rua das Trinas**. Repara nos lindos azulejos dos números 33 e 35... E na próxima paragem prepara-te para voltares a usar o nariz: é o **Largo dos Laranjais!**



Repara só nesta fantástica casa-torre seiscientista à tua direita: com pátio, as grandes portas em madeira, as ameias da torre, sem faltar uma bela gárgula cuspidora de água em forma de animal e as armas da família Moura Machado.

Desenha aqui este animal



atenção para arquiteturas várias, largos, odores e práticas, como a de lavar a roupa em lavadouros públicos. O quarto percurso é fora das muralhas mas no centro da cidade e acaba na Estação de Caminhos de Ferro. A terminar, um percurso pela natureza que leva os leitores para fora da cidade, até ao Santuário da Penha e convida-os a regressar na direção do parque da cidade. Todas as informações históricas são complementadas com sugestões práticas, sobre casas de banho públicas, locais para beber água ou descansar e comer uma merenda. Para além disso, os exploradores são convidados a desenhar, unir pontos, responder a perguntas ou fazer palavras cruzadas. Deixam-se ainda pistas para pesquisas autónomas, aguçando o interesse sobre coincidências, causas para determinado ato ou nome, biografias de monarcas, arquitetos ou artistas, sugerindo sites ou referindo possíveis curiosidades.

Porto maravilha

Partindo da viagem de *Alice ao País das Maravilhas*, Adélia Carvalho e Cátia Vidinhas criaram *Wonderporto*, um

guia de descoberta de doze pontos chave da cidade do Porto. A propósito de lanches, horários e uma corte com rainhas e duquesas, esta Alice chega ao Café Majestic, à Câmara Municipal ou ao Jardim Romântico. Em cada paragem, o leitor tem um desafio à espera, que implica a sua própria visita e a experiência dos lugares. No Jardim Romântico, por exemplo, sugere-se que o caminhante apanhe folhas e as cole no livro. Também há azulejos para desenhar, tendo como inspiração a Estação de S. Bento, os sons da cidade para registar, depois de uma visita à Casa da Música, uma adivinha para resolver na Biblioteca Almeida Garrett ou a receita de uma francesinha para encontrar e reescrever.

Texto e ilustração complementam-se entre induções e sugestões. A Ribeira é representada pela icónica varina, o Museu de Serralves por molduras e da torre dos Clérigos só se avista o topo. Todavia, Alice não aparece junto a nenhum dos espaços descritos, ao contrários de outras figuras, perfeitamente integradas em cada um dos espaços. É do detalhe e da ausência de contexto que vive este guia. Procura assim estimular a curiosidade através dos desafios presentes e de pistas lançadas. *Wonderporto*, editado pela Tcharan

CASA DA MÚSICA CASA DA MÚSICA CONCERT HALL

— Dou nove saltos e estou na Casa da Música.
— Se conhecesses o tempo tão bem como eu, não falavas dele. Falavas com ele. Quer-me parecer que nunca o fizeste! — disse o chapeleiro.
— Talvez não. Só sei bater os tempos certos quando estudo música — confessou Alice, prudentemente.



— I jump nine times and I am at Casa da Música.
— If you knew time as well as I do — said the hatter. You wouldn't talk about him, you would talk with him. You would talk with him. I dare say you never even did do that — said the hatter.
— Perhaps not. I only know how to beat time correctly when I study music. — Alice cautiously confessed.



DESCREVE AQUI OS SONS
DA CIDADE DO PORTO.

~~~~~  
DESCRIBE HERE THE SOUNDS  
YOU CAN HEAR IN PORTO.







em 2014, começa logo nos elementos paratextuais do título e da ilustração da capa a traçar esta linha: uma viagem a um mundo de desafios, imaginação e novidade, que tem uma Alice e um coelho branco algures no rio, com um cais ao fundo. O recorte redondo nas páginas iniciais e finais, que vai ampliando e diminuindo a visão que se tem da página, para além da referência explícita ao túnel da obra de Lewis Carroll, pode igualmente significar a aproximação na chegada à cidade e distanciamento na partida.

## Jogos com nomes de cidade

Chama-se myriorama e foi inventado no séc. XIX. Não fosse este um projeto da Bruaá, que conta com um catálogo rico em pérolas nunca antes editadas cá pelo burgo. O que significa? Como se explica muito bem no encarte: paisagem infinita. E é um jogo. Nem mais. São dezasseis cartas e cada uma ilustra uma parte de uma paisagem. O que é desafiante é que todas as combinações são possíveis porque as margens da ilustração de cada cartão pode ser unidas entre si sem que se perca a ideia de painel coerente. O que a Bruaá fez foi

aplicar a ideia a duas cidades: Lisboa e Porto. Para cada uma um ilustrador: João Fazenda e Marta Monteiro, respetivamente. O efeito é semelhante, tendo em conta as cores abertas, as formas sem contorno, algumas geometrias e o detalhe na composição. As hipóteses de combinação são tantas que cada jogador pode montar a sua cidade colocando lado a lado monumentos distantes, bairros modernos e antigos, rio e colina. Elementos não faltam: elétricos, coretos, pontes, estátuas, miradouros. Tentar conjugar os cartões de forma a que a cidade ilustrada esteja o mais próxima possível da cidade real também não é tarefa fácil. O que este jogo traz de novo na exploração de uma cidade é a hipótese de a ver de outra forma, e revê-la nada mais nada menos do que em 20 biliões de panorâmicas. Para quem consiga, é fazer as contas. Podemos jogar com o que conhecemos bem, com o que não conhecemos e com o que conhecemos parcialmente. Pode ser uma porta de entrada nas cidades, pode simplesmente funcionar como reconhecimento. E ainda, tendo em conta a presença de muitas personagens, pode proporcionar narrativas nas cidades desenvolvendo um imaginário associado à leitura da imagem por cada leitor.

# and the winner is...

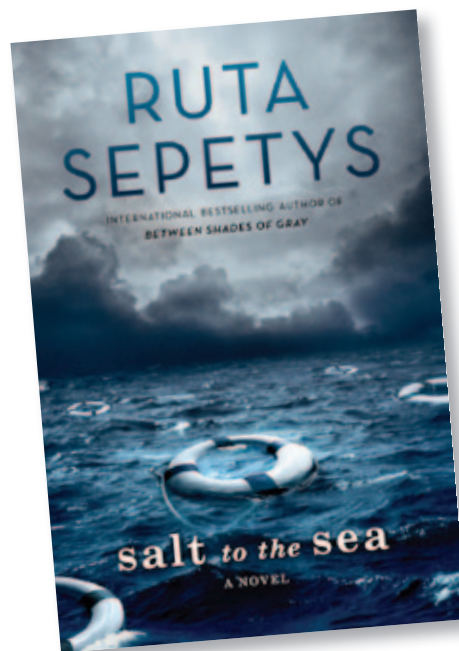
No ano em que os CILIP awards comemoram o seu octagésimo aniversário, a votação dos bibliotecários pendeu para dois autores dos E.U.A.

## **Carnegie Medal (texto)**

*Salt to the Sea* foi escrito por Ruta Sepetys e retrata o maior naufrágio da história. Dos passageiros a bordo do Wilhelm Gustloff estima-se que tenham morrido 9000 pessoas, na sua maioria refugiados. O júri do prémio notou a crescente relevância de temas sociais na formação dos jovens leitores, como forma de lhes dar a conhecer realidades e contextos que desconhecem e não têm meios para compreender.

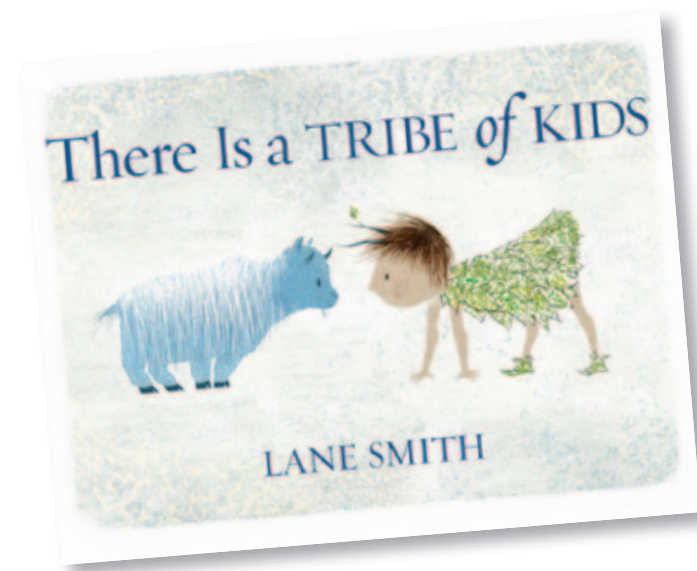
## **Kate Greenaway Medal (ilustração)**

*There is a Tribe of Kids* elenca os nomes coletivos atribuídos a diversos grupos de animais, incluindo nesses grupos um menino que os acompanha, tomando partido da sua morfologia ou comportamento para brincar. Lane Smith acrescenta sentidos aos nomes através de um imaginário ora lúdico, ora poético e muito estilizado.



# Ruta Sepetys

# Lane Smith





Um livro é antes de mais um objecto físico. Muitas vezes esquecemo-nos disso em busca do que comumente se designa de conteúdo, a informação que o texto escrito disponibiliza, seja ela científica, poética, narrativa...

No caso do presente volume é bom reparar em cada detalhe porque tudo se relaciona e eleva a sua qualidade. Logo na capa, as duas figuras que se relacionam através do olhar e do sorriso, vêm destacar uma das ideias principais sobre o funcionamento do cérebro: a sua existência social, colectiva. Alguém disse que «se ninguém me chama, não existo» porque o nome só faz sentido se existirem outros que assim nos identifiquem. O mesmo se passa com o cérebro, cuja evolução é logo sucintamente justificada pela vida em comunidade, em que o ser humano se vê representado nos outros, com eles comunica entre sintonias, desafios e conflitos.

Estamos ainda na introdução. Depois, capítulo após capítulo as autoras apresentam um conjunto de informações que juntam experiências científicas, morfologia, curiosidades e desafios aos leitores de forma surpreendentemente escurrita.



Dirigindo-se frequentemente ao leitor e recuperando imensas acções, emoções e sensações do quotidiano que provocam um efeito de identificação e proximidade, o discurso sucede-se com simplicidade e naturalidade. A clareza das informações e das explicações propostas para cada tema – crescimento, sentidos, aprendizagem, memória, consciência, corpo/acção, emoções, eu e os outros, criatividade e experiência estética – facilitam a leitura e instigam o desejo de saber mais. Tudo está pensado do ponto de vista da divulgação científica e, por isso, depois de 270 páginas de informação, a última parte do volume apresenta-se como proposta opcional: «Se te apetece saber mais...».

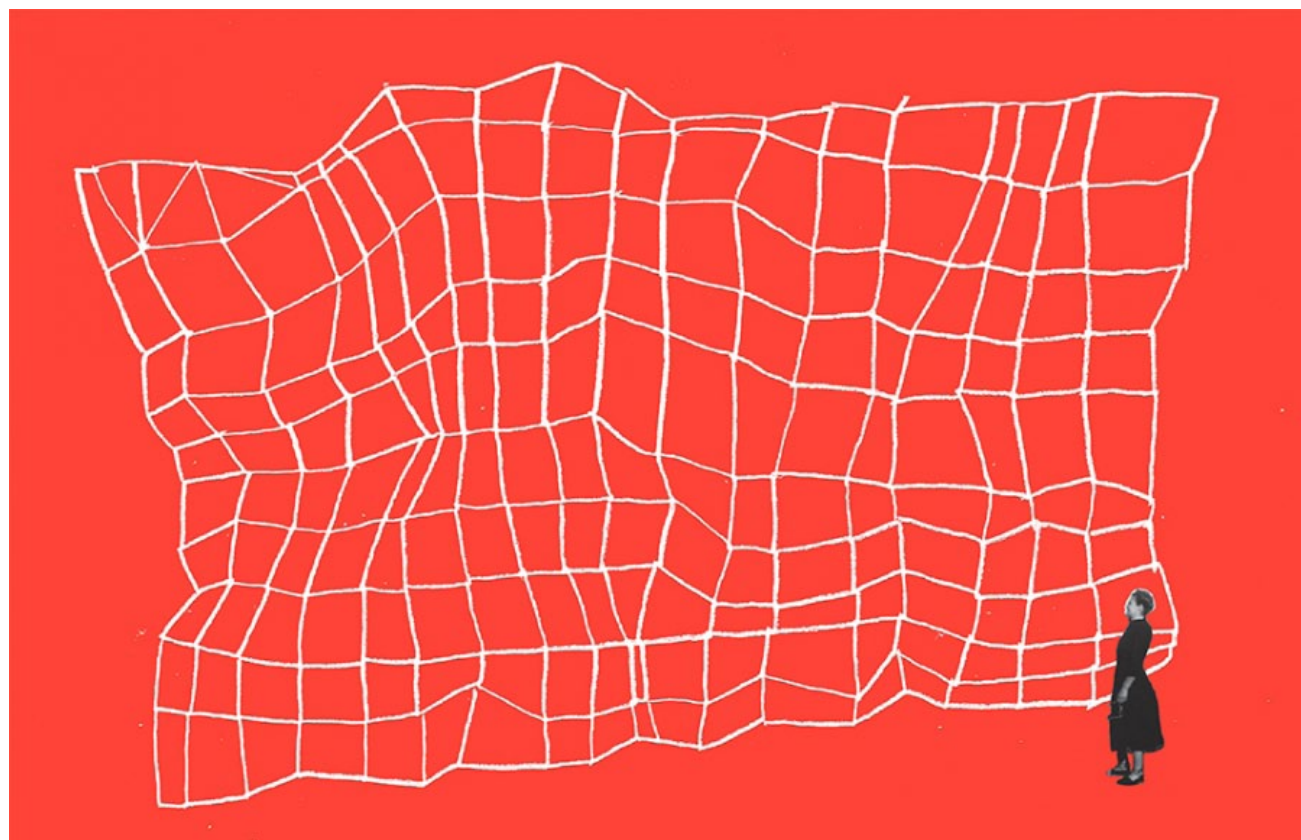
Do princípio ao fim há uma implicação dos que colaboram no livro, desde o preâmbulo que anuncia como nasceu a ideia de criar um guia para o cérebro à sinopse biográfica das três autoras e dos revisores científicos que esclareceram as suas dúvidas e ajudaram na pesquisa bibliográfica. À razão de ser do livro, acresce então o *modus operandi*.

A ilustração, por seu turno, alterna entre o destaque representativo de uma situação e a eleição de um quadro simbólico, como a noz no início ou a mangueira no final. A colmeia, emaranhado de

linhas e padrões mais ou menos organizados ou a esponja são alguns outros. Geometrias, colagem, e muitas figuras povoam as páginas enfatizando as escolhas temáticas para o guia. Apesar da sua dimensão e amplitude de tópicos acordados, este volume não cede nunca à tentação de parecer esgotar o assunto. Bem pelo contrário, cada capítulo tem sempre um sentido problematizador que sugere novas descobertas e leituras. Para além disso, a sua própria estrutura dá conta disso, quando refere estudos, cientistas e assinala as alterações que se têm operando sistematicamente ao longo de séculos e séculos de estudo.

A importância da estética e da componente emocional ganha visibilidade, a presença dos afectos em vários campos, da memória aos sentidos, da libertação de hormonas aos neurónios-espelho. Esse será, a par com a fluidez do texto, o elemento mais relevante do livro. Há uma intenção de descoberta que contraria a formatação e a valorização de um pensamento determinista que muitas vezes parece representar todo o funcionamento do cérebro. Ao invés, os capítulos evidenciam a sua complexidade e a sua unicidade individual.

Há no mercado editorial português muitos livros de divulgação enciclopédica, alguns de divulgação científica. Este pode assumir-se



como o paradigma da seriedade sem resvalar para a ilegibilidade, da proximidade sem cair no facilitismo da curiosidade inusitada e da implicação sem moralismos didáticos. Do ponto de vista estético, desde que a vista do leitor o alcança até que dele se despede, são garantidos muitos estímulos, dos sensoriais, logo pela textura da capa e contracapa ao peso, à leitura das imagens, da abstração ao concreto, à descodificação das técnicas, e interpretação da infografia. Tudo alternando azul e vermelho.





Na escrita de David Machado reconhece-se, em geral, uma poética própria, que transporta o leitor para um mundo paralelo, não necessariamente onírico mas um mundo de possibilidades. Esta construção situa-se nos limites do real, do exequível, e do desejo que se almeja sem garantias de sucesso. Não que isso importe.

Relacionar a experiência do quotidiano e o conhecimento do que nos rodeia com essa dimensão resulta numa abertura optimista, num exercício de imaginação, e isso por si só é suficiente para se viver melhor, como aliás se comprova nesta narrativa infantil.

O início segue a tradição dos contos de fada, com a morte do pai. Ou remete para o terramoto de 1755. Ou nada disso, ou tanto faz, como mais à frente iremos descortinar. O menino, que vivia imerso em livros, teve de assumir o trono e reconstruir o reino.

Começam então a suceder-se essas possibilidades imagéticas que associam sentidos e imagens que devem ser representadas. De onde vêm? Dos livros.

David Machado consegue a proeza de, numa narrativa linear e fechada, que segue a estrutura repetitiva e aditiva de muitos contos tradicionais, oferecer uma espacialidade simbólica e não quantificável. Um espaço de cor, memória, imaginação, aromas e risos,



beijos e música. Precisamente através da estrutura adoptada, é possível introduzir uma imensidão temática de livros, onde o jovem rei ia beber essas ideias.

O final é surpreendente porque embora fechado se desvia de um desfecho óbvio. No entanto, alcança uma moral que defende esse valor precioso da leitura como lugar de descobertas e encontros excepcionais que nos permitem ver o mundo com lentes especiais e renovadas.

A ilustração de Gonçalo Viana, que já havia feito dupla com o escritor, destaca um sentido lúdico pleno de geometria e cor. Os elementos planos convocam o jogo de blocos de madeira e acrescentam uma nova possibilidade àquelas já avançadas pelo texto: a da recriação infinita. Para além disso descreve os especialistas – arquitectos, pintores, agricultores, pedreiros, botânicos e zoólogos – nas suas pesquisas, captando os vários momentos com humor. O contraste entre esses momentos e o plano da conversa final com o rei, assim como a decisão tomada relativa à construção definitiva do reino corroboram a surpresa do desenlace, enfatizam a presença dos livros e, na última página dupla, o resultado final da empreitada parece não desiludir.

Apesar dos múltiplos registos da escrita de David Machado, mais ou menos metafóricos, mais ou menos oníricos, mais ou menos lúdicos, mais ou menos narrativos ou aforísticos, é notória a sua voz única, consistente e coerente, no panorama da literatura infantil.



De seguida, o rei ordenou que as muralhas  
que guardavam a cidade chegassem tão alto  
quanto a imaginação das crianças, como num livro  
de fábulas que lera havia muito tempo.

E, assim, os melhores pedreiros do reino  
começaram a construir esses muros,  
sem saberem ao certo quando parar.



Porque eu  
saramaguiana  
sou do ta-  
o sentido óbvio e obtuso  
manhã do  
d'A Maior Flor do Mundo  
que vejo  
de José Saramago  
Sandra Santos –  
– Universidade de Aveiro



## O Guardador de Significados

Nas narrativas infantojuvenis deteta-se latente uma dupla dimensão, aplicável ao conto *A Maior Flor do Mundo*. Por um lado, a dimensão *da ordem ou ordenação, do propósito pedagógico ou da moral e do sentido óbvio*. Por outro, a dimensão da desordem simbólica, do desvio/transgressão e do sentido obtuso.

Em primeiro lugar, a questão da ordem ou ordenação, em que o signo escrito adquire uma grande preponderância no processo cognitivo dos indivíduos, posto que funciona como elemento fundamental para a organização e estruturação da informação. Essa questão abre caminho para o *propósito pedagógico ou da moral* que alude à relação umbilical entre os textos da literatura infantojuvenil e os da tradição oral; apela à emoção e à transmissão de bons valores. Por fim, dentro desta primeira dimensão, o *sentido óbvio*, termo abordado por Roland Barthes (1986:51), que traça uma sequência narrativa clara e compreensível pelo seu pendor universal. Em segundo lugar, outra das dimensões é a *desordem simbólica*. Sugere-se este conceito em contraposição com o da *ordem ou ordenação*, isto é, se por um lado, a palavra organiza, por outro, em conjunto com as ilustrações “desarruma” eficazmente a informação, criando e ampliando os significados. O outro vetor é o *desvio/transgressão*, pelo qual o leitor se sente atraído, procurando, neste caso, no personagem principal esse es-





pelhamento. Por último, o *sentido obtuso*, também referido por Barthes (1986:51), é descrito como um sentido com valor acrescentado, algo que o intelecto não consegue imediatamente processar por completo; liga-se à capacidade de imaginar e sonhar.

## Ordem ou ordenação // Desordem simbólica

N' *A Maior Flor do Mundo*, Saramago investe nessa representação simbólica de uma infância que comanda a narrativa, ou melhor, toda a literatura. O «herói menino» do enredo é quem guia o narrador por entre as maiores façanhas: a inicial subida à montanha e as subsequentes descidas e subidas em busca de saciar uma flor prostrada. Essa missão desmedida adquire uma tonalidade épica e sobre-humana – mas não tanto se executada por uma criança.

Saramago confessa a sua inexperiência na escrita de «histórias para crianças», contudo, di-lo com uma tal sinceridade, própria de uma criança, que logra adquirir uma fala muito própria da literatura infantil. Nesse sentido, este pequeno conto, além de prender a atenção da criança (e do adulto), desde o primeiro momento, estimula também a sua imaginação. Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos Contos de Fadas*, refere que este estímulo ajuda «a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções». Desta forma, além de levar a criança a explorar a sua «casa interior» (id., 2002:5), cria um fio condutor entre a imaginação e a realidade, procurando então estabelecer uma ordem simbólica e real.

## Propósito pedagógico ou da moral // Desvio/transgressão

É com um propósito pedagógico que se apresenta também *A Maior Flor do Mundo*. Nesta linha de raciocínio, pode extrair-se desta pequena história traços dos tradicionais contos de fadas. Em primeiro lugar, porque remonta para a tradição oral, a qual recria uma pertença de ordem linguística e cultural, passível de ser renovada ao longo dos séculos: «Não será a fala, a linguagem, o que dá ao homem o sentimento de continuidade das gerações, da cultura e da vida? Não será a escrita a forma de perpetuar o falar?» (Santos, 2009:75). A escrita e a leitura oral inscrevem-se no tempo e na memória coletiva, tal como evidencia Azevedo (2002:6):

*A profunda relação placentária que une os textos escritos da literatura infantil relativamente aos textos de tradição oral fica, neste texto, bem patente. De facto, a interpelação do narrador ao seu leitor-modelo aponta explicitamente para um dos traços da escrita dirigida às crianças: a história que existe para ser contada e recontada e, nesse sentido, tornar-se objecto de múltiplas recriações, permanecendo e sendo alimentada pela memória colectiva.*



Assim é que o autor reconheceu abertamente a pretensão de converter a história n' «a mais linda de todas as que se escreveram desde o tempo dos contos de fadas e princesas encantadas...». Aos conteúdos inerentes aos contos de fadas subjazem «significados manifestos e encobertos» (Bettelheim, 2002:6), que orientarão a criança no seu processo de autoconhecimento. É assim crucial que estas histórias apontem caminhos para a criança, atribuindo-lhe, em pequena escala, alguma responsabilidade de decisão e escolha. E começa por perceber quem, de entre os vários personagens, ela seleccionaria como o seu favorito. Nesta questão em concreto, Bettelheim (2002:10) revela com perspicácia:

*Além disso, as escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre o certo versus o errado, mas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia. Quanto mais simples e direto é um bom personagem, tanto mais fácil para a criança identificar-se com ele e rejeitar o outro mau. A criança se identifica com o bom herói não por causa de sua bondade, mas porque a condição do herói lhe traz um profundo apelo positivo. A questão para a criança não é "Será que quero ser bom?" mas "Com quem quero parecer?". A criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também.*





## **Sentido óbvio // Sentido obtuso**

O desenrolar da trama oferece um *sentido óbvio* «que viene a mi encuentro; en teología se llama *sentido obvio* al «que se presenta naturalmente al espíritu» (Barthes, 1986:51). O autor levará o leitor a percorrer uma sequência narrativa clara, personificada pelo «herói menino» que reúne todas as características para ser eleito o predileto do público.

Em suma, esse *sentido óbvio* abarca a *ordem ou ordenação* e o *propósito pedagógico ou da moral*. Em contraposição, o sentido obtuso, «al que se me da «por añadido», como un suplemento que mi intelección no consigue absorber por completo, testarudo y huidizo a la vez, liso y resbaladizo» (Barthes, 1986:51). Este último sentido liga-se a alguma da desordem inerente à capacidade de sonhar e imaginar – a transgressão de fronteiras, a aventura, o risco, sugeridos pelo trilho audacioso do «herói menino».

## **Uma outra ordenação simbólica do real**

Começar nas letras e acabar nas coisas, ou, dito de outra maneira,  
começar no imaterial e terminar na matéria.

GONÇALO M. TAVARES

Segundo a definição do Dicionário da Língua Portuguesa, de A. Costa e S. Melo, ler é:

*Enunciar ou percorrer com a vista, entendendo, um texto impresso ou manuscrito; interpretar o que está escrito; compreender o sentido de; prelecionar ou explicar como professor; perscrutar; pop: devanear, disparatar, adivinhar, descobrir; int. conhecer as letras do alfabeto, juntando-as em palavras (lat. legère).*

Interessa, portanto, entender o processo de leitura como uma “ordenação simbólica do real”. Nesta medida, o ato de ler é, por sua vez, organicamente organizado e instintivamente libertário. «Tu sabes ler, mas *eu sei ver a partir do que leio*; este pode ser o discurso de alguém que se orgulha da sua imaginação a partir da leitura» (Tavares, 2013: 387). O olhar e o pensamento promovem a interiorização e a dispersão da informação, «porque pensar também é mudar de posição relativamente à própria linguagem» (Tavares, 2013: 46). Os conceitos são arrumações da linguagem, no entanto, a sua interpretação testa e desarruma as numerosas possibilidades de leitura. «Ler é consciencializar o comunicável» (Santos, 2009: 50), ou seja, todas as dimensões da comunicação ficam ativadas nesse processo simultâneo de recolha e análise da informação.



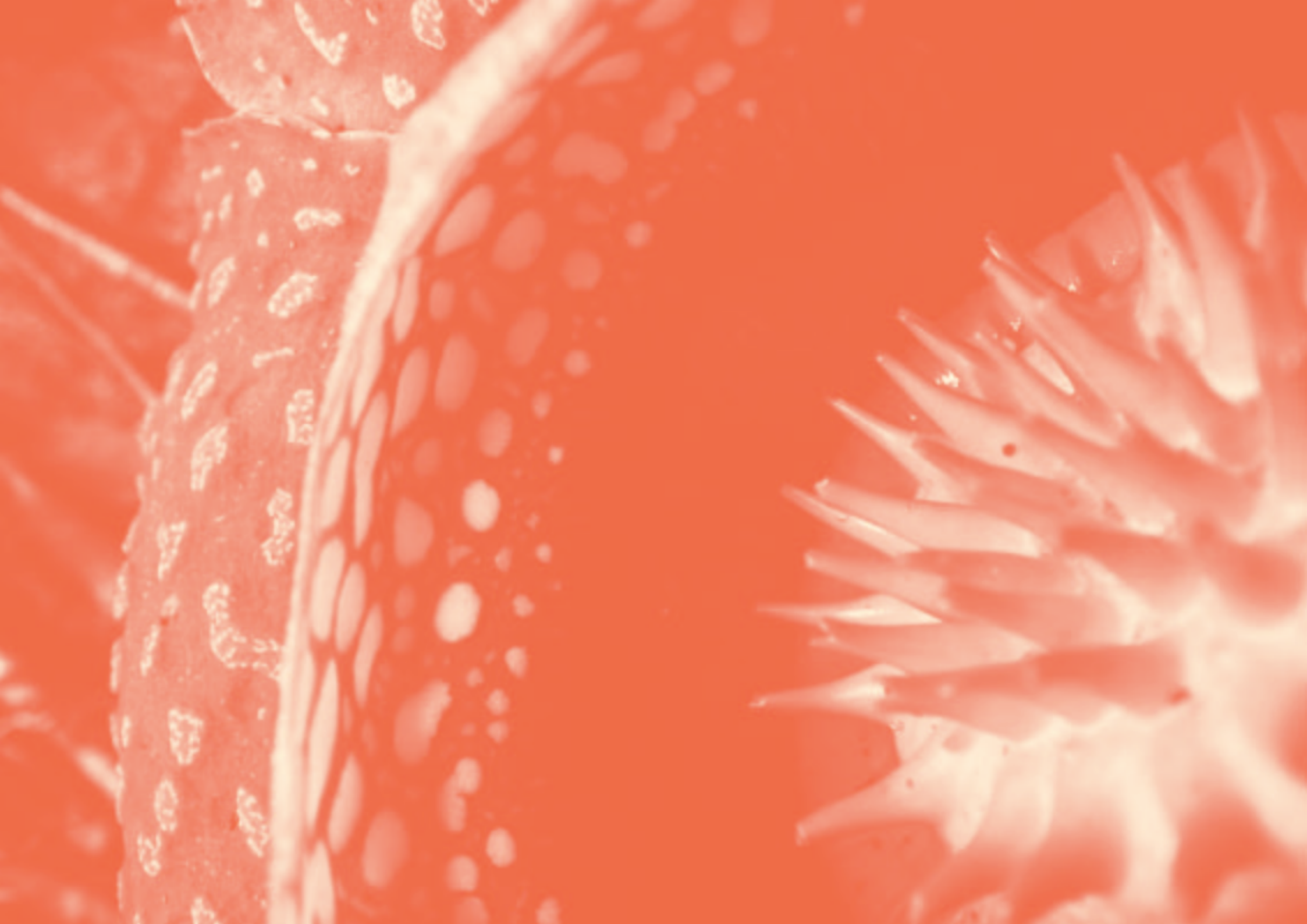
Os sentidos da visão e da audição (externas e internas) têm preponderância na captação de sinais que extravasam o sentido literal: «O dicionário não o diz, mas afinal talvez possamos dizer que ler é ouvir com os olhos» (Santos, 2009: 58). A leitura é também um movimento físico e clínico sobre um tema, que desencadeia recuos, paragens e avanços. Os códigos linguísticos e icónicos permitem que o leitor se ancore, uma vez que o «símbolo é paragem, atitude, silêncio potencialmente significativo» (Santos, 2009: 43).

## O Guardador de Sentidos

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...  
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,  
Porque eu sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura...*

ALBERTO CAEIRO

O título deste texto é retirado de um dos versos de Alberto Caeiro que no poema VII, d' *O Guardador de Rebanhos*, descreve a visão universal que se alcança desde a «casa no cimo deste outeiro», ou melhor, desde a sua aldeia. À semelhança do poeta, também o «herói me-





nino» viu algo que «era muito maior que o seu tamanho e de que todos os tamanhos».

Ou, nas palavras de Gonçalo M. Tavares (2013: 366), «*Quando fecho os olhos sinto-os mais, eles são mais meus. Quando os abro, eles deixam de me pertencer, saem para o mundo. Vêem.*»

#### **Obras analisadas/referidas**

Azevedo, Fernando Fraga de (2002). «A maior flor do mundo, de José Saramago: reflexão metatextual acerca do texto literário para a infância». *Actas do IV Encontro Nacional (II Internacional) de Investigadores em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Braga: Universidade do Minho.

Barthes, Roland (1986). *Lo obvio y lo obtuso – Imágenes, gestos, voces*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A.

Bettelheim, Bruno (2002). *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 16ª Edição. São Paulo: Paz e Terra.

Costa, J. Almeida; Melo, A. Sampaio (2002). *Dicionário da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora.

Santos, João dos (2009). *É Através da Via Emocional Que a Criança Apreende o Mundo Exterior*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Saramago, José (2014). *A maior flor do mundo*. Ilustrações de João Caetano. Porto Editora.

—— (2015). *A maior flor do mundo*. Ilustrações de André Letria. Porto Editora.

—— (2016). *A maior flor do mundo*. Ilustrações de Inês Oliveira. Porto Editora.

Tavares, Gonçalo M. (2013). *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Teorias, Fragmentos e Imagens. Lisboa: Caminho.



# SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

[www.somosbibliotecas.pt](http://www.somosbibliotecas.pt)



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de  
bibliotecários, arquivistas e documentalistas





Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago  
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,  
mediante apresentação do bilhete de entrada  
na primeira Casa visitada.  
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,  
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.  
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,  
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.  
(El descuento es válido por 10 días)



Casa Fernando Pessoa  
Rua Coelho da Rocha, 16  
Campo de Ourique  
1250-088 Lisboa  
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270  
casafernandopessoa.pt



Fundação José Saramago  
Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoiros, 10  
1100-135 Lisboa  
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040  
josesaramago.org

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

# A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.

Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm. Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands – [www.acasajosesaramago.com](http://www.acasajosesaramago.com)





## **PhotoEspaña 2017**

**Até 27 ago**

Vigésima edição do festival de fotografia que ocupa museus, galerias, mas também ruas, bares e lugares menos óbvios da capital espanhola. Vários lugares, Madrid.



# agosto

**Arquitectos do  
Imaginário**  
**Até 27 ago**

Ciclo de cinema dedicado à animação produzida pelo Studio Ghibli, no Japão, com os seus filmes marcados pela fantasia e pelos modos de esta se reflectir no quotidiano. Museu do Oriente, Lisboa.



**Eu Organizo o  
Movimento**  
**Até 30 ago**

Espectáculo criado pela bailarina e actriz Ana Paula Bouzas a partir da herança do Movimento Tropicalista e dos seus ecos na contemporaneidade. Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro.



**Me pinto a mí  
misma.**

**Até 31 ago**

Exposição que reúne as 26 obras de Frida Kahlo que integram a colecção do Museo Dolores Olmedo, a partir da frase da artista: «Me pinto a mí misma porque soy lo que mejor conozco». Museo Dolores Almedo, México DF.



**PHOTOstruc-  
turalism**

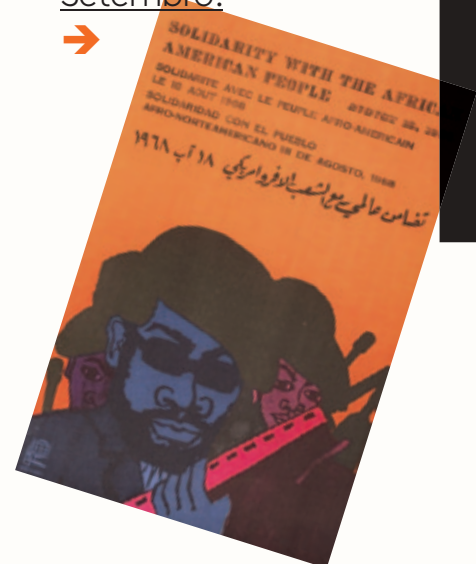
**Até 10 set**

A partir da obra de Georg Herold, uma exposição sobre a utilização da fotografia enquanto elemento formal nos livros de artista. Porto, Museu de Serralves.



## **Confesión Xeral** **Até 17 set**

Primeira exposição do  
trabalho do artista  
andaluz Luis Gordillo  
em Compostela,  
percorrendo uma  
produção que  
começou no fim  
dos anos 50. Centro  
Galego de Arte  
Contemporánea,  
Santiago de  
Compostela. Até 17 de  
Setembro.



## **Cartazes Cubanos da OSPAAAL 1960- 1980** **Até 23 set**

Inserida na Lisboa  
–Capital Ibero-  
Americana de Cultura,  
a ZDB mostra um  
conjunto de cartazes  
produzidos entre  
1966 e 1980 pela  
Organização de  
Solidariedade para  
com os Povos de  
África, Ásia e América  
Latina. Lisboa, Galeria  
Zé dos Bois.



# agosto

## **Lèxic familiar** **Até 8 out**

Exposição de obras  
de Paula Rêgo,  
percorrendo seis  
décadas de trabalho  
da pintora, numa  
escolha que tem como  
fio condutor o livro de  
Natalia Ginzburg que  
dá nome à mostra.  
La Virreina, Barcelona.



## **O Pequeno Grande Polegar** **26 ago**

O Trigo Limpo teatro  
ACERT encerra a  
digressão de verão  
deste espectáculo  
comunitário, uma  
adaptação muito livre  
da história do Pequeno  
Polegar, na cidade que  
lhe serve de casa.  
Tondela, Parque  
Urbano.



## **Gurumbé, Canciones de tu memória negra** **23 ago**

Exibição do  
documentário de  
Miguel Angel Rosales  
sobre a presença de  
populações africanas  
na Península Ibérica  
dos séculos XV e XVIII.  
Centro Cultural, Lagos.  
23 de Agosto.





***Felizmente existem os livros. Podemos esquecê-los numa prateleira ou num baú, deixá-los entregues ao pó e às traças, abandoná-los na escuridão das caves, podemos não lhes pôr os olhos em cima nem tocar-lhes durante anos e anos, mas eles não se importam, esperam tranquilamente, fechados sobre si mesmos para que nada do que têm dentro se perca, o momento que sempre chega, aquele dia em que nos perguntamos, Onde estará aquele livro que ensinava a cozer os barros.***

José Saramago, *A Caverna*